DIEGO DO NASCIMENTO BRANDÃO

MORFOLOGIA, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

DELMIRO GOUVEIA (AL)
2022

DIEGO DO NASCIMENTO BRANDÃO

MORFOLOGIA, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras-Língua Portuguesa, sob a orientação do Professor Doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras- Língua Portuguesa.

DELMIRO GOUVEIA (AL)
2022

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

B817m Brandão, Diego do Nascimento

Morfologia, ensino de língua portuguesa e formação docente: relato de experiência / Diego do Nascimento Brandão. - 2022.
62 f.

Orientação: Ismar Inácio dos Santos Filho.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Língua portuguesa. 2. Morfologia. 3. Formação docente. 4. Ensino e aprendizagem. 5. Prática pedagógica. I. Santos Filho, Ismar dos. II. Título.

CDU: 81’366

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIEGO DO NASCIMENTO BRANDÃO

MORFOLOGIA, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E FORMAÇÃODOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras-Língua Portuguesa, sob a orientação do Professor Doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em 21 de dezembro de 2022.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
ISMAR INACIO DOS SANTOS FILHO
Data: 25/12/2023 12:07:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho Letras-Campus do Sertão; PPGLL-UFALOrientador

Documento assinado digitalmente
PAULO JOSE SILVA VALENCA
Data: 25/12/2023 20:06:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença Letras-UFAL-Campus do Sertão Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
CECILIA DE LIMA SILVA
Data: 25/12/2023 13:07:58-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Profa. Esp. Cecília de Lima Silva PPG LL-FALE-UFALExaminadora Externa

DELMIRO GOUVEIA (AL)
2022

Enquanto a água do rio/língua por estar em movimento se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia (BAGNO, 2007, p. 10).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter a oportunidade de ingressar no curso de Letras e participar de diversos momentos e eventos maravilhosos que contribuíram bastante para a minha formação pessoal e profissional.

A minha família, em especial ao meu pai, Pedro, e a minha mãe, Marlene, por todo o apoio, amor e cuidado, não apenas neste período de estudos, mas durante toda a minha vida.

As minhas amadas amigas que me ajudaram e marcaram a minha trajetória acadêmica, deixando-a mais prazeroza e inesquecível, Geovania, Jessica, Leidiane e Luciana.

Aos demais colegas, pelo carinho e amizade, em especial Eronilda, Cristiane, Katia, Jessica Sandes, Maiara, Cidinha e Hugo.

Ao meu orientador e futuro colega de profissão, professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, pela paciência, orientações, ensinamentos e parceria na realização de atividades e trabalhos incríveis.

E a todos os professores e professoras do curso que contribuíram para a minha formação, oportunizando a construção de aprendizagens muito significativas, em particular a Ismar, Samuel e Cristian, profissionais e pessoas por quem tenho grande admiração.

RESUMO

Nesta pesquisa, apresentamos reflexões e disussões pertinentes a respeito do estudo da palavra nas práticas pedagógicas envolvendo o estudo da língua portuguesa, especificamente na área da Morfologia. O interesse por este objeto de estudo teve início a partir dos primeiros contatos com o professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho nas aulas de Linguística Aplicada, durante o 5º período do curso de Letras. O interesse foi acentuado nos períodos seguintes enquanto aluno, e depois monitor, da disciplina de Morfologia do Português, onde além da apresentação de alguns trabalhos em eventos acadêmicos, realizamos um minicurso *on-line* sobre o estudo da palavra para estudantes do quinto período do curso de Letras, Campus do Sertão. Nesse sentido, visamos neste trabalho problematizar as práticas didático-metodológicas sobre o estudo da palavra de modo geral na educação básica, em livro didático, e em especial em miniucurso para docentes do curso de Letras (UFAL-Campus do Sertão). Desse modo, buscamos apontar estratégias e caminhos para que os estudos em morfologia sejam inovadores, crítico-reflexivos e efetivamente produtivos no que diz respeito às aprendizagens significativas na contemporaneidade. Para tanto, nesta pesquisa fazemos um percurso que se inicia com a abordagem das questões teórico-metológicas sobre o ensino de Morfologia e sobre as noções discutidas historicamente em relação à palavra, perpassando pelas discussões a partir das análises de livros didáticos de língua portuguesa, realizadas por estudantes da UFAL-Sertão, e chegando até ao relato de experiência sobre a realização do minicurso *on-line* referente ao estudo da palavra. No embasamento teórico, dialogamos com Antunes (2012), Avelar (2017), Basílio (2013), Batista (2011), Santos Filho (2018; 2020) e Stella (2005), dentre outros estudos.

Palavras-chave: Palavra; Morfologia; Ensino; Aprendizagem; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

In this research, we present relevant reflections and discussions regarding the study of the word in pedagogical practices involving the study of the Portuguese language, specifically in the area of Morphology. The interest in this object of study began with the first contacts with professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho in the Applied Linguistics classes, during the 5th period of the Languages course. The interest was accentuated in the following periods as a student, and later as a monitor, of the Portuguese Morphology discipline, where in addition to the presentation of some works in academic events, we carried out an online mini-course on the study of the word for students of the fifth period of the Languages course, Sertão Campus. In this sense, this work has as problematic the didactic-methological practices on the study of the word in the classroom. In this way, we seek to point out strategies and ways for language studies to be innovative, critical-reflexive and effectively productive with regard to significant learning in contemporary times. To this end, in this research we follow a path that begins with the approach to theoretical-methodological questions about the teaching of Morphology and about the notions historically discussed in relation to the word, passing through the discussions based on the analyzes of textbooks in Portuguese, carried out by students from UFAL-Sertão, and reaching the experience report on carrying out the online short course on the study of the word. In the theoretical basis, we dialogue with Antunes (2012), Avelar (2017), Basílio (2013), Batista (2011), Santos Filho (2018; 2020) and Stella (2005), among other studies.

Keywords: Word; Morphology; Teaching; Learning; Portuguese language.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01 9
INTRODUÇÃO 9
CAPÍTULO 02 16
MORFOLOGIA E ENSINO 16
2.1 Morfologia: noção de palavra 17
2.2 Estratégias para o ensino de morfologia 22
CAPÍTULO 03 29
ESTUDOS DE MORFOLOGIA EM LIVROS DIDÁTICOS 29
3.1 Ensino de morfologia em livros didáticos: estudos no sertão alagoano 31
3.1.1 Noção de palavra 31
3.1.2 Morfemas 34
3.1.3 Processos de formação de palavras 37
CAPÍTULO 4 44
MINICURSO DE ESTUDO SOBRE A PALAVRA: RELATO DE EXPERIÊNCIA 44
4.1. A condução do minicurso 45
4.2. Percepção dos/das estudantes 51
CONSIDERAÇÕES FINAIS 57
REFERÊNCIAS 60

CAPÍTULO 01
INTRODUÇÃO

O curso de Letras sempre me despertou interesse devido à afinidade que tinha com a disciplina de Língua Portuguesa na educação básica. Então, no ano de 2016, pude ingressar no referido curso, na Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, iniciando uma trajetória acadêmica muito importante em minha vida. No início dessa jornada, a minha expectativa era a de estudar muito sobre assuntos relacionados à gramática normativa, sobre produção e interpretação textual, dentre outros conteúdos que já havia estudado nas escolas por onde passei, como se o curso fosse aprimorar/aprofundar esses conteúdos. No entanto, com o passar dos períodos letivos, fui percebendo que não era bem assim como imaginei. Notei que era preciso desconstruir muitas coisas relacionadas aos estudos linguísticos, para que pudesse desenvolver novas aprendizagens que possibilitassem olhar a língua por outros vieses, desenvolvendo uma concepção voltada às práticas sociais, aos sujeitos, aos diferentes contextos e às possibilidades de uso.

No quinto período (2018.1), comecei a me interessar um pouco mais pelos estudos da área de Linguística, a partir da disciplina de Linguística Aplicada (LA), ministrada pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho. As discussões que tivemos nesse componente curricular, em sala de aula, principalmente a partir de textos do professor Luiz Paulo da Moita Lopes, despertaram em mim o desejo de fazer pesquisa na área dos estudos em língua(gem). Recordo-me de uma metáfora muito interessante discutida por Moita Lopes (2013), que associava língua a um rizoma. De acordo com o *Dicionário Informal*, rizoma é um caule, em forma de raiz, que se caracteriza por sua capacidade de emitir novos ramos. Nesse sentido, podemos pensar a língua não como um sistema fechado, dissociado das pessoas e das atividades sociais, "mas como trama instável de fluxos que só ganha vida quando as pessoas e suas subjetividades e histórias são consideradas nas práticas sociais múltiplas e situadas de construção de significado em que atuam" (MOITA LOPES, 2013, p. 104).

No sexto período (2018.2), cursei a disciplina de Morfologia do Português, ministrada também pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho. Posso dizer que foi a partir daí que se iniciou, de uma forma muito natural, o caminho que me levou até à definição do objeto de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso e, consequentemente, de meu orientador, o professor Ismar. Nas aulas de Morfologia, por intermédio de Batista (2011), tivemos muitas discussões a respeito da noção de palavra, tomando como base as noções de estrutura e de unidade sintática. Aprendemos que elas são constituídas de morfemas, menores unidades da

língua que comportam significado. Estudamos sobre o léxico da língua portuguesa e sua capacidade de expansão e abertura para novos (re)arranjos linguísticos. Com Avelar (2017), pudemos refletir sobre estratégias de didatizar as práticas pedagógicas envolvendo as propriedades morfológicas. Vimos em Basílio (2013) a necessidade de refletir sobre o ensino de Morfologia nas escolas e nos cursos de Letras, chamando a atenção para a importância da Morfologia Lexical nas atividades de produção e compreensão da língua Portuguesa e para a necessidade de se desenvolver estudos morfológicos em interface com outros níveis de análise, quais sejam, o fonológico, o sintático, o semântico, o discursivo e as estruturas textuais. Neste arcabouço teórico, realizamos análises morfossintáticas e morfossemânticas de sintagmas em gêneros discursivos como manchetes de revistas e jornais, títulos de livros, propagandas comerciais, dentre outros. Discutimos sobre os efeitos de sentidos atrelados aos usos linguísticos em diferentes situações e contextos socio-discursivos. Todas estas experiências acadêmicas me estimularam a seguir como pesquisador nesta área de estudos.

Nos dois períodos seguintes, 2019.1 e 2019.2, mantive o contato com a disciplina de Morfologia na condição de monitor. Este período em que estive como monitor foi de grande relevância para a minha formação acadêmica. Durante esse tempo, apresentei dois trabalhos sob a orientação do professor Ismar. O primeiro teve como título[1] "As palavras 'menas' e 'conje' e seus aspectos morfossintáticos: análise linguística para não incorrer no preconceito". Neste trabalho, realizamos uma análise sobre os fenômenos linguísticos subjacentes aos usos das palavras "menas" e "conje", utilizadas pelo ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo até então ministro da justiça, Sérgio Moro, respectivamente. O segundo trabalho foi intitulado[2] "Estudo em morfologia a partir da análise linguística de manchetes", no qual realizamos uma discussão sobre o trabalho com manchetes de jornais e revistas nas aulas de Morfologia, atentando-nos aos arranjos linguísticos. Importante ressaltar que este trabalho foi contemplado com o título de excelência acadêmica, fato que me deixou ainda mais entusiasmado a desenvolver o TCC nesse seguimento de estudos.

Após esse período de monitoria, em conversas com o meu orientador, tivemos a ideia de elaborar para o TCC uma unidade didática em que pudéssemos tratar de um determinado fenômeno linguístico-discursivo. Tínhamos optado então em organizar uma unidade didática centrada no estudo do pedaço linguístico "-inh(o/a)" com o objetivo de problematizar e refletir sobre os diferentes efeitos de sentidos que estão atrelados aos seus usos em diferentes contextos, já que este recurso é muito utilizado pelas pessoas em seu cotidiano.

[1] Trabalho apresentado na ll Jornada Acadêmica-Campus do sertão, em 22 de maio de 2019.
[2] Trabalho apresentado no ll Seminário Institucional de Monitoria da UFAL em 8 de outubro de 2019.

Inicialmente consideramos que, normalmente, "-inh(o/a)" é estudado no sentido de diminutivo, mas que se trata de um recurso linguístico-discursivo de grande produtividade linguística, podendo expressar ironia, desprezo, desvalorização, afeto, dentre outras possibilidades para além do sentido de tamanho pequeno. Podemos observar esse aspecto muito bem através do estudo de Macena (2015). Discutimos sobre esse fenômeno linguístico nas aulas de Morfologia do semestre 2019. De acordo com Bagno (2011), o processo derivacional é o que permite criar diminutivos e aumentativos na língua portuguesa. No caso do processo de formação do diminutivo, aprendemos com Neves (2018) que o sufixo "-inh(o/a)" (o mais usual) é anexado ao radical, podendo vir, às vezes, unido à consoante de ligação "-z", como no caso da palavra "homenzinho". No entanto, como já adiantamos, esse pedaço linguístico pode expressar outros significados que extrapolam o sentido de diminutivo.

No ano de 2020, o "-inh(o/a)" esteve em bastante evidência ao ser utilizado pelo presidente da república, Jair Bolsonaro, em palavras como "resfriadinho" e "gripezinha". No contexto da pandemia, utilizando essas palavras, o presidente se referiu ao novo coronavírus, atenuando, subestimando e até desdenhando dos efeitos de uma doença que a cada dia causava a morte de centenas de pessoas. Em oposição ao discurso de Bolsonaro, a manchete do Jornal "Informação Extra", edição do dia 21 de março de 2020, tal como vemos na sequência, fez uso desse pedaço linguístico, citando o discurso do presidente, em um tom de ironia a sua fala e ao seu comportamento negligente em relação aos efeitos do coronavírus, conforme bem observou Santos Filho (2020) em seu ensaio intitulado de "A relevância do "-inh-(o/a)" na guerra político-discursiva na pandemia do coronavírus".

Figura 01: Manchete da capa do Jornal "Informação Extra", em 21 de março de 2020.
Fonte: Jornal "Informação Extra, ano XXII, nº 8.611.

Casos como esse descrito anteriormente nos fazem pensar sobre a necessidade de não observar apenas a dimensão imanente da palavra e suas partes constitutivas, mas prestar atenção em todos os elementos que fazem parte do contexto sociodiscursivo: imagens, cores, escolhas lexicais, gênero discursivo, público-alvo, época, dentre outros aspectos, de modo a dar conta desses fluxos multimodais. Podemos pensar também sobre a importância de estudar a palavra de modo contextualizado, situando-a nas práticas sociais e considerando os aspectos ideológicos, políticos e culturais, seguindo, dessa forma, a perspectiva enunciativo-discursiva de estudos de Mikhail Bakhtin. Um estudo contextualizado e problematizador sobre palavra pressupõe analisar a organização interna das palavras, a combinação de morfemas e os aspectos enunciativos que subjazem aos arranjos e às escolhas lexicais, assim como foi o caso da análise das palavras "gripezinha" e "resfriadinho", já comentado.

Essas análises, envolvendo o uso do pedaço linguístico "-inho(o/a)", impulsionaram, portanto, a ideia de organizar a unidade didática sobre essa temática para o Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, com a chegada da pandemia, as atividades acadêmicas acabaram sendo afetadas, assim como outras atividades. Muitas adaptações e reorganizações tiveram que ser feitas. Além do mais, o lado psicológico de todos nós também foi afetado pelo medo, pela insegurança e pela dor da perda de muitas vidas. Levou um bom tempo para que pudéssemos nos adaptar a essa nova realidade. Todas essas problemáticas acabaram atrasando as atividades, fazendo com que alguns redirecionamentos fossem tomados. Foi aí que, depois de algum tempo, decidimos focar o nosso trabalho de pesquisa no estudo da palavra, considerando principalmente a importância da perspectiva enunciativo-discursiva para as análises linguísticas.

Levando em conta a necessidade de promover atividades centradas nas propriedades lexicais, situando a palavra em diferentes contextos, o objetivo principal desta pesquisa é apontar estratégias para o desenvolvimento de aulas crítico-reflexivas, tendo em vista a adesão de uma abordagem enunciativo-discursiva de palavra, considerando também a necessidade do estudo estruturalista. Desse modo, propomos um estudo, de cunho qualitativo, problematizador e crítico-reflexivo, de modo a ir além das superficialidades das abordagens tradicionais que não levam em conta diversos aspectos essenciais sobre o estudo das palavras, tal como já mencionamos em parágrafos anteriores.

Nesse estudo, ressaltamos a importância de manter uma relação entre as questões concernentes ao léxico com os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos da língua portuguesa. Com isso, filiamo-nos à proposta de Avelar (2017), que é a de transformar as aulas de Morfologia em um laboratório de observação e análise dos usos linguísticos,

promovendo reflexões sobre como os elementos constituintes das palavras, dentre outros aspectos, interferem na produção dos sentidos de textos orais e escritos.

Para concretizar essa proposta, visamos, neste trabalho, discutir sobre as principais concepções teórico-metodológicas que estão relacionadas ao estudo da palavra e ensino de Morfologia, enfatizando a importância da concepção enunciativo-discursiva para as práticas de análise linguística. Dessa maneira, concordamos com Antunes (2012) quando enfatiza a urgência de conhecer e explorar o território das palavras, pensando na ampliação das capacidades de falar, de ler, de escrever e de interpretar textos.

Considerando as palavras como elementos essenciais no processo de interação e comunicação entre as pessoas e que, portanto, as atividades sociais com as palavras são constantes no dia a dia, cabe uma reflexão sobre como a palavra foi sendo concebida ao longo do tempo e sobre quais concepções embasaram o estudo da palavra historicamente. Nesse contexto, apresentamos uma discussão sobre diferentes noções de palavra, perpassando pela noção proveniente da gramática filosófica (clássica), chegando até às concepções estruturalista e a enunciativo-discursiva de Mikhail Bakhtin. Essas três noções de palavra foram discutidas pelo professor Ismar Inácio e por mim em um minicurso[3] *on-line* realizado entre os meses de Junho e Julho de 2020, para estudantes do curso de Letras - Língua Portuguesa (UFAL-Campus do Sertão). A realização deste minicurso foi muito importante para o redirecionamento da nossa pesquisa. Então, apresentamos, neste trabalho, reflexões sobre a experiência da organização do minicurso *on-line* sobre o estudo da palavra.

Através da discussão promovida no minicurso *on-line*, enfatizamos a importância de priorizar a noção enunciativo-discursiva nos estudos sobre a palavra para que seja possível refletir e analisar os fenômenos linguísticos e os sentidos produzidos com os usos da língua na contemporaneidade, no sentido de pensar, por exemplo, nos sentidos produzidos por "-inh(o)" no uso da palavra "biscoitinho", no trecho da música (apresentado logo abaixo) intitulada com o mesmo nome, da banda *Saia Rodada*.

É, tá pensando que sou biscoitinho?
Só sirvo na hora do lanchinho
Eu não quero, pra mim acabou

Figura 2: trecho da música "Biscoitinho", da banda *Saia Rodada*.
Fonte: www.letras.mus.br.

[3] Este minicurso, intitulado de "O que é palavra?", fez parte do Programa de Monitoria On-line, desenvolvido pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e rendeu a elaboração de um resumo expandido, publicado no e-book "Monitoria UFAL: conectando experiências".

Observamos que o "-inh(o)" em "biscoitinho" não faz referência a um biscoito de tamanho pequeno. Neste caso, temos um sentido negativo, algo de pouco valor ou importância, um "passatempo" (inclusive, há uma marca de biscoito com esse nome) que só tem serventia em momentos específicos, causando insatisfação na pessoa que fala. Normalmente, recorremos a um "biscoitinho" na falta de uma refeição maior (principal). Ser "biscoitinho" seria, portanto, ser amante, ou o(a) companheiro(a) que não é o(a) principal.

Podemos perceber como o trabalho pedagógico com gêneros discursivos como letra de músicas (como o exemplo acima), propagandas comerciais, manchetes, poemas, dentre outros, é importante para refletir sobre a língua em uso. Normalmente, espera-se que os livros didáticos contemplem esse trabalho com textos de diferentes gêneros e que as questões propostas contribuam significativamente com o processo de ensino e aprendizagem. Mas, por meio de análises de alguns livros didáticos, podemos concluir que há ainda muitas lacunas e incongruências nos materiais didáticos, além de influências de paradigmas epistemológicos do passado, dentre eles a gramática clássica, que acabam tornando o estudo inconsistente. Nesse sentido, trazemos discussões sobre alguns livros didáticos analisados por estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), campus de Delmiro Gouveia, para que possamos refletir sobre esses e outros aspectos que compõem os materiais pedagógicos.

A partir das análises dos/as estudantes da UFAL Campus do Sertão, sobre os livros didáticos, reconhecemos a grande importância que estes materiais representam para o desenvolvimento das aulas. Tanto os livros didáticos quanto outros recursos precisam direcionar o desenvolvimento de atividades que transcendam o estudo da nomenclatura gramatical e da prescrição de regras, tarefas que são características do estudo centrado na gramática normativa.

Sobre a gramática normativa, Antunes (2012) diz que ela parece ter assumido um lugar hegemônico nas práticas pedagógicas envolvendo a língua portuguesa, secundarizando as atividades referentes ao estudo do léxico. Portanto, entendemos que há a necessidade de repensar o ensino de gramática no âmbito educacional para que seja possível a construção de aulas que envolvam a participação ativa de alunos e alunas, estimulando uma série de reflexões pertinentes sobre as ações de linguagem situadas em diversos gêneros discursivos.

Nessa proposta de desenvolvimento de práticas pedagógicas contextualizadas/situadas e reflexivas sobre a língua, a relevância acadêmica e social deste trabalho se justifica na possibilidade de propor um estudo reflexivo que tenha como fundamentos ampliar a capacidade de leitura e interpretação das pessoas sobre as materialidades discursivas e sobre as coisas do mundo, de modo geral. Ou seja, analisar os discursos propagados socialmente

sob lentes crítico-reflexivas, de modo a compreender as posições ideológicas, políticas e sociais imbricadas nas escolhas lexicais e a perceber a palavra como um produto (vivo) ideológico e como parte essencial de um processo de interação, tal como argumenta Stella (2005). Ademais, trazemos aqui a oportunidade de refletir sobre o ensino de Morfologia no âmbito educacional para que estudantes compreendam a importância do estudo da palavra situada nos gêneros discursivos, para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, tais como as de leitura, de produção e de interpretação de textos, atividades essenciais em qualquer nível e/ou modalidade de educação.

A partir de todas essas ideias, este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, trazemos todo o contexto e informações a respeito do nosso objeto de pesquisa, destacando os objetivos pretendidos. No segundo, trazemos uma discussão sobre as principais concepções teóricas e metodológicas relacionadas ao ensino de Morfologia, bem como apresentamos uma linha do tempo com algumas noções de palavra que fundamentaram os estudos linguísticos historicamente. No terceiro, discutimos sobre os estudos de Morfologia em livros didáticos, fazendo uma relação entre as pesquisas desenvolvidas por estudantes da UFAL – Campus do Sertão e os estudos de autore(a)s como Batista (2011), Basílio (2013), Avelar (2017) e Santos Filho (2018). No quarto e último capítulo, apresentamos um relato de experiência a partir da organização e realização do minicurso *on-line* sobre o estudo da palavra, trazendo a minha visão enquanto ministrante e também as opiniões, aprendizagens e *feedbacks* dos/das participantes do minicurso.

Para a realização deste trabalho, estamos embasados em Antunes (2012; 2014), Avelar (2017), Basílio (2013), Batista (2011), Santos Filho (2018; 2020) e Stella (2005), dentre outros estudos.

CAPÍTULO 02
MORFOLOGIA E ENSINO

Estudar Morfologia é uma prática constante nas aulas de língua portuguesa, ainda que essa abordagem não seja explicitada pelos/as docentes em suas aulas. A morfologia é, sem dúvida, uma área muito importante de estudos linguísticos e merece receber uma atenção especial seja na educação básica, seja na educação superior (especialmente nos cursos de Letras – Língua Portuguesa). Mas qual será o significado dessa palavra? Se nos atentarmos ao seu significado etimológico, Botelho (2007) diz que "morfologia" provém de *morfhê*, "forma", e *logos*, "estudo", ou seja, estudo da forma (das palavras).

O minidicionário Aurélio (2001) diz que "morfologia" é o estudo da estrutura e da formação de palavras. Um conceito bastante resumido sobre essa grande área de estudos linguísticos. Já o minidicionário Melhoramentos (1997) amplia um pouco mais a discussão, dizendo que a morfologia estuda a formação, estrutura, origem, flexão e classificação das palavras. Percebemos, então, que a palavra é o grande centro desse ramo de estudos da Linguística. A partir desse entendimento já temos uma noção sobre a importância dos estudos morfológicos, afinal de contas, lidamos com as palavras de modo constante em nosso dia a dia, em nossas práticas de interação social com as outras pessoas, com o mundo, de modo geral. Um conceito bastante interessante sobre "morfologia" é apresentado por Avelar (2017), que diz que

> A morfologia recobre os fatos relativos à organização interna das palavras, com destaque para os mecanismos de articulação entre os diferentes morfemas na estruturação dos vocábulos. Dentre os tópicos comumente tratados no plano morfológico em âmbito escolar, estão os processos de formação de palavras, que são estabelecidos na interface com os estudos sobre o léxico, e os paradigmas flexionais, que são determinados na relação com o nível sintático (AVELAR, 2017, p. 90).

Esse conceito elaborado por Avelar (2017) é bem mais amplo do que aqueles apresentados pelos minidicionários. São muitas informações relevantes em relação ao campo da morfologia. Discutiremos sobre estes aspectos dos estudos morfológicos ao longo deste trabalho, porém, vamos tratar primeiramente sobre o elemento que está no cerne desta área do conhecimento: a palavra. O que é palavra? Quais as concepções desenvolvidas sobre palavra ao longo do tempo? Faremos uma abordagem sobre estas indagações logo a seguir, de modo

que possamos perceber e refletir sobre as mudanças históricas ocorridas em relação ao estudo sobre a palavra.

2.1 Morfologia: noção de palavra

Falar sobre palavra, a princípio, parece ser um assunto bastante simples por se tratar de algo tão comum em nosso dia a dia. Em praticamente todas as nossas atividades, as palavras estão presentes: nos diálogos, nos estudos, nos pensamentos, de modo abstrato ou concreto e em diversos gêneros discursivos, estamos constantemente em contato e fazendo uso desses elementos que são imprescindíveis nas práticas sociais de interação e comunicação. Para nós, falantes nativos da língua portuguesa, parece fácil identificar se determinada construção linguística é ou não uma palavra. Em contrapartida, conceituar ou dizer o que é palavra, já não é uma tarefa das mais fáceis. Para responder essa questão, diferentes perspectivas teóricas foram elaboradas ao longo do tempo, com o intuito de prestar contribuições aos estudos linguísticos.

De acordo com Marçalo (2008/2009), na Antiguidade Clássica, as discussões referentes à linguagem eram desenvolvidas sob os domínios da filosofia, da retórica e da crítica literária e textual. Platão e Aristóteles, por exemplo, discutiram sobre as partes dos discursos (sujeito, nome, verbo, predicado) em suas obras. Em relação à noção de palavra, o filósofo romano Varrão (século I a. C) a via como uma espécie de átomo da língua, ou seja, a menor partícula de análise linguística. Ainda segundo o filósofo romano, a palavra seria uma construção abstrata, uma unidade invariante de um dado número de formas variáveis. Como podemos observar, a noção que se tinha nessa época era a de que a palavra não se dividia em elementos menores, se configurando como uma unidade indivisível, mas que poderia sofrer variações. Além do mais, sendo uma construção abstrata, a palavra era estudada fora dos contextos de circulação, desvinculada da realidade. Dessa forma, foram se fortalecendo as bases conceituais para os estudos sobre a palavra.

Essas concepções e bases conceituais, que circulavam na Antiguidade Ocidental, estruturam-se a partir do modelo "palavra-e-paradigma". Esse modelo, proveniente da gramática clássica, impulsionou a ideia de que a palavra seria um elemento indivisível. Basílio (2013) salienta que, na perspectiva do modelo "palavra-e-paradigma", as palavras sofrem alterações de forma de acordo com as características dos contextos de utilização. A partir dessa ideia, surgiu a perspectiva de flexão enquanto estudo da variação de forma das palavras, da expressão de propriedades acidentais tais como pessoa, tempo, modo, gênero,

número e assim por diante. Essas flexões são vistas como variações de uma mesma forma única e indivisível. O termo "flexão" corresponde à capacidade de elasticidade da palavra que pode se adequar às circunstâncias de uso, apresentando propriedades acidentais que indicam as formas flexionadas (variações).

Podemos dizer então que, além das propriedades essenciais, as palavras podem apresentar os denominados "acidentes" (flexões) que estão diretamente vinculados aos diferentes contextos discursivos. Nesse caso, a palavra primeira (não flexionada) é denominada de *palavra citação* e a partir dela é possível gerar os paradigmas, ou seja, outras formas variáveis. Para ilustrar melhor essa perspectiva do modelo palavra-e-paradigma, vejamos a tabela abaixo:

Modelo palavra-e-paradigma

	Palavra citação	**Acidentes**
	Menino	masculino
Formas Variáveis	Menina	Feminino
	Meninos	masculino/plural
	Meninas	feminino/plural

Como mostra a tabela, nesse exemplo, "menino" seria a *palavra citação* (não flexionada) e as outras formas seriam as suas *variações* de acordo com as circunstâncias de gênero e número. Basílio (2013) diz que muitos materiais didáticos referentes ao ensino de gramática normativa são influenciados por este de estudo. Além disso, muitos cursos e programas de disciplinas nos cursos de formação docente também sofrem influências do modelo palavra-e-paradigma. Dessa maneira, muitas atividades acabam se concentrando nessa perspectiva de estudo da flexão das palavras, que são tratadas como uma espécie de bloco invariável, mas com formas variadas. No entanto, sabemos que essa perspectiva de estudar a palavra, herdada pela gramática filosófica, não é mais condizente com o que se espera, hoje, do ensino de morfologia. Nesse sentido, outras noções foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos, trazendo modos diferentes de se olhar a palavra e dando atenção para outros elementos e aspectos importantes.

Uma noção que provocou mudanças significativas nos estudos sobre palavra foi a de base estruturalista, que surgiu no século XX e tem como pioneiro o suíço Ferdinand de Saussure. Os estruturalistas observaram que a palavra poderia ser dividida em elementos

menores com significado, os morfemas, diferente da concepção filosófica. O estudo de Batista (2011) nos ajuda a entender que as palavras são constituídas por morfemas que se conectam internamente e permitem diferentes (re)arranjos estruturais, desde que sejam obedecidas as regras próprias do sistema linguístico. A partir da perspectiva estruturalista, podemos perceber que a palavra possui uma estabilidade interna. Utilizando como exemplo a palavra "feliz", podemos observar que o morfema "in-" só pode ser agregado no início dela, formando o item "infeliz". Já o morfema "-mente", só pode ser agregado ao final da base (feliz), que se mantém na formação da palavra "felizmente".

Essa noção de que a palavra possui uma estabilidade nos parece ser bem aceitável. Nos estudos estruturalistas, entendemos que duas noções sobre palavra merecem destaque. A primeira é a de palavra enquanto estrutura. A segunda é a de palavra enquanto unidade sintática. Por essa noção, entendemos que a palavra mantém relações com outras palavras em um enunciado, oração, sintagma, etc. Além do mais, por essa perspectiva, a palavra pode ocupar diferentes posições em uma estrutura sintática, como afirma Batista (2011), através dos seguintes exemplos:

(1) **Laranjas** foi o que a moça comprou.
(2) A moça comprou **laranjas**.

No exemplo 1, a palavra "laranjas" está no início da oração, assumindo a função de sujeito. No exemplo 2, a palavra "laranjas" está no final da oração, assumindo a função de complemento verbal (objeto direto). Como podemos ver, as palavras podem assumir diferentes funções sintáticas. Outro ponto importante que podemos destacar é o de que há dois grandes blocos de significação da palavra, de acordo com a perspectiva estruturalista: o *lexical* e o *gramatical*. Batista (2011) diz que a parte lexical representa um recorte do nosso mundo biossocial e é onde se encontra a significação "básica" da palavra. A parte gramatical apresenta informações sobre os "acidentes" das palavras, ou seja, sobre as flexões e seus sentidos. A tabela abaixo nos ajuda a identificar melhor esses dois blocos de significação.

Morfema lexical	**Morfema gramatical**
menin-	-o
garot-	-a
bonit-	-a

A tabela nos permite identificar os morfemas lexicais e os morfemas gramaticais que estruturam a palavra. No exemplo nominal demonstrado, “menin-”, “garot-” e “bonit-” constituem a base lexical que permanecerá em outras variações (menin-a, menin-inh-a, menin-ada, por exemplo). Os morfemas “-o” e “-a” nos apresentam informações sobre gênero, nesse caso, masculino e feminino, respectivamente. Além do mais, podemos notar outra informação importante a partir destas palavras: todas estão no singular. Essa informação é transmitida através do morfema zero [Ø], que é uma ausência significativa. Se fizermos a comutação entre as palavras “menin-o” e “menin-o-s”, veremos que o morfema “-s” da segunda palavra indica o plural. Logo, a ausência desse mesmo “-s” em “menin-o-Ø” indica que a palavra está no singular.

Todas essas análises estruturais da palavra, atentando-nos aos morfemas que a constituem e aos sentidos que eles produzem, trazem contribuições muito relevantes para os estudos em linguagem. O modelo de análise estruturalista objetiva desenvolver a descrição linguística, um exercício que possibilita refletir e aprender muita coisa a respeito das palavras e de seus sentidos. Nesse contexto, é importante que as análises sejam realizadas a partir de diferentes gêneros discursivos, no sentido de possibilitar refletir sobre a língua em uso, situando as palavras nas práticas sociodiscursivas.

O estudo situado das palavras, considerando os diferentes contextos discursivos, diz respeito à outra noção muito importante acerca de palavra, a noção enunciativo-discursiva, desenvolvida a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin[4] e seu círculo. Pelo viés enunciativo-discursivo, podemos acrescentar a noção de que a palavra é também um enunciado. Dessa forma, queremos dizer que as palavras mantém relação com enunciados anteriores e com outros que estão por vir e que produzem efeitos de sentidos que devem ser analisados no contexto de utilização. De acordo com Stella (2005), no pensamento bakhtiniano, a palavra é encarada como um elemento de feitura ideológica, como parte do processo de interação social entre as pessoas. Nessa perspectiva de estudo sobre a palavra, são considerados os aspectos culturais, ideológicos e políticos que subjazem os discursos.

Percebemos, portanto, que os estudos de natureza bakhtiniana direcionam o olhar para os aspectos que estão intimamente vinculados aos usos das palavras e aos efeitos de sentidos produzidos em cada enunciação. Todo ato comunicativo revela um (re)posicionamento social e político frente à realidade vivida, produzindo sentidos que podem ser tomados como válidos

[4] Desde as primeiras décadas do século XX, Mikhail Bakhtin e seu círculo de estudos já estudavam a palavra a partir dos usos sociais, segundo as palavras de Stella (2005)

ou não. Dessa forma, as palavras enunciadas expressam sempre opiniões, ou melhor, atribuição de valores do falante frente ao interlocutor, como diz Stella (2005):

> O falante, ao dar vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como um produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva (STELLA, 2005, p. 178).

Como vimos na citação, as entoações são valores atribuídos através da fala que expressam um determinado ponto de vista ou visão de mundo. Sobre essa questão das entoações, temos um exemplo muito interessante envolvendo Serginho, ex-participante do programa Big Brother Brasil, da Rede Globo. Serginho, que é assumidamente gay, utilizou a palavra "heteroafinidade" para se referir à atração que teve por sua colega de confinamento, Fernanda Helena. Vejamos uma manchete:

Figura 3: Manchete do site "Quem Acontece" em 26/04/2010.
Fonte: www.revistaepoca.globo.com.

De acordo com Santos Filho (2017), o uso da palavra "heteroafinidade" por Serginho, como observamos no recorte acima, representa um reposicionamento de sentidos em relação a sua conduta sexual; é uma tentativa de escapar dos sentidos que estão consolidados pela sociedade no que diz respeito à bissexualidade. Na visão do ex-BBB, a atração que ele teve por sua colega não o torna bissexual, já que o sujeito bissexual, na sua visão, tem relações constantes com ambos os sexos. Ou seja, a pessoa que possui uma "heteroafinidade" pode até se relacionar com ambos os sexos, mas não de modo constante.

Como vimos, a palavra "heteroafinidade" é utilizada por Serginho como (re)posicionamento de seu comportamento sexual. "Desse modo, ao tempo em que constrói o posicionamento para heteroafinidade, elabora outro posicionamento para a bissexualidade" (SANTOS FILHO, 2017, p.171). É importante salientar que essa análise é referente ao gênero

discursivo entrevista, onde Serginho pôde se apresentar ao público, revelando suas opiniões, gostos pessoais, estilo de vida, dentre outros aspectos.

Santos Filho (2017) também analisou a palavra "heteroafinidade" no gênero notícia. Segundo ele, nesse gênero, a palavra é citada em um tom sensacionalista, pois o jornal tratou como um fato espetacular o comportamento do ex-BBB, visto que para o senso comum a conduta sexual das pessoas deve ser única e eterna. Portanto, a polêmica foi gerada porque Serginho não parece se adequar ao imaginário social quanto a sua sexualidade. Ou seja, se ele é gay, deveria ter atração apenas por homens.

Através deste fato envolvendo o ex-BBB Serginho, podemos entender como a palavra é inoculada pelo gênero, ou seja, a palavra é contagiada pelo gênero discursivo e coparticipa dos sentidos configurados por ele. Este é um ponto importante dos estudos bakhtinianos. De acordo com Stella (2005), podemos apontar outro aspecto importante apresentando pela teoria de Bakhtin referente à noção enunciativo-discursiva: a palavra apresenta quatro propriedades definidoras, quais sejam; **pureza semiótica** – a palavra possui traços mais ou menos estáveis que a permitem circular por diversas esferas comunicativas e gêneros discursivos; **possibilidade de circulação externa e interna** - quando a palavra circula em nossa consciência e fora dela (nos discursos), com sentidos diferentes; **possibilidade de interiorização** - nesse caso há um confronto entre os sentidos já consolidados na consciência do sujeito e os sentidos circulados externamente, gerando outros novos sentidos; **neutralidade** - a palavra pode assumir qualquer função ideológica, recebe carga significativa em cada uso.

Consideramos, portanto, a noção enunciativo-discursiva de palavra como imprescindível para os estudos de linguagem, pensando em práticas pedagógicas interativas e contextualizadas. Nesse contexto, os estudos estruturalistas também são de grande importância para refletir sobre a língua em uso por meio de análises morfossintáticas e morfossemânticas. Tais análises são relevantes para compreendermos a relação entre a estrutura das palavras (os morfemas) e os sentidos produzidos, considerando o contexto discursivo. Desse modo, entendemos que a língua não é fixa, pelo contrário, é dinâmica e mutável, podendo ser compreendida como "rizoma", tal como discutida por Moita Lopes (2013). Na subseção seguinte, vamos abordar essa perspectiva dinâmica e contextualizada de ensino em Morfologia, baseada no estudo do léxico.

2.2 Estratégias para o ensino de morfologia

Agora que sabemos que as palavras são constituídas por elementos menores com significado, denominados morfemas, e que elas manifestam questões ideológicas, políticas e culturais em cada enunciação, é importante que educadores e educadoras desenvolvam aulas de morfologia pautadas nesse entendimento sobre palavra, e sobre língua de modo geral. Estudos como o de Avelar (2017) demonstram que a língua portuguesa não é um sistema fixo e imutável que se baseia em uma única forma correta: aquela que está de acordo com a Gramática Normativa. As pessoas que adotam essa perspectiva de língua, normalmente, desconsideram e até desrespeitam outras variedades linguísticas. Consideramos que essa é uma visão inadequada e incoerente com a realidade em que vivemos, onde diferentes pessoas, em diferentes localidades e ocasiões, têm a sua forma peculiar de utilizar a língua. Nesse sentido, é comum que novos arranjos linguísticos sejam criados, uma vez que o léxico da nossa língua é aberto e suscetível a expansões, tal como afirma Batista (2011).

Podemos dizer, então, que a língua portuguesa apresenta um léxico bastante diversificado devido a fatores históricos e socioculturais. Ainda fundamentados nos estudos de Batista (2011), entendemos que a compreensão de léxico abarca uma divisão entre *léxico interno* e *léxico externo*. Segundo o referido autor, por léxico interno compreende-se um conjunto de conhecimentos que um(a) falante tem a respeito de sua língua. Estes conhecimentos dizem respeito à estrutura, composição, unidades lexicais, significados, dentre outros aspectos. Portanto, o léxico interno representa o saber internalizado das pessoas sobre a língua, sua competência lexical. Esse saber independe de qualquer nível de escolarização. Já o léxico externo consiste no conjunto de palavras que o/a falante tem disponível em sua língua para uso e dicionarização.

Falamos anteriormente que o léxico de uma língua não é fixo. Em nossa língua portuguesa, são várias as possibilidades de combinações de diferentes morfemas, de re(arranjos) linguísticos e de constituição de palavras. Avelar (2007) fala sobre o conceito de "dinâmicas morfológicas". Esse conceito perpassa por esse entendimento de que as palavras se amoldam a cada contexto de uso e de diferentes maneiras, graças às inúmeras possibilidades de combinações de morfemas. De acordo com esse entendimento, consideramos como não aconselhável que as práticas voltadas ao ensino de morfologia fiquem presas a uma ideia padronizada de língua, a uma vertente linguística que praticamente só encontramos, a rigor, nos livros de gramática normativa.

Sobre essa questão do ensino de morfologia pautado em manuais de gramática normativa, Basílio (2013) diz que estes materiais não se dedicam a estudar a formação das palavras, ou seja, parece que estudar os processos de formação das palavras não é relevante. A

autora também fala que as gramáticas normativas continuam apresentando listas de radicais gregos e latinos, de prefixos e sufixos com seus respectivos significados, baseados em uma abordagem histórica. Nesse sentido, as aulas de morfologia ainda sofrem grandes influências do modelo palavra-e-paradigma e, também, da Linguística Histórica do século XIX. Desse modo, entendemos que atividades desse nível são insuficientes para que os/as estudantes avancem em relação aos conhecimentos que possuem previamente sobre o léxico e constituem o plano morfológico.

Segundo Avelar (2017), o plano morfológico talvez seja aquele em que os/as alunos/as mais conseguem formular generalizações, devido aos conhecimentos gramaticais que possuem internalizados em sua mente. O trabalho com esses conhecimentos é importante para refletir sobre o papel dos processos de formação das palavras e dos paradigmas flexionais na construção/produção de sentidos em um texto. Para o desenvolvimento desse trabalho, os/as educadores podem recorrer a diferentes materialidades discursivas, onde se possa analisar a formação de palavras. Para Avelar (2017), uma atividade que costuma dar bons resultados é analisar a formação de palavras que não fazem parte do nosso acervo vocabular.

Um caso muito interessante de trabalho sobre a análise de palavras é apresentado por Avelar (2017), quando o autor fala sobre Odorico Paraguaçu, personagem principal da novela *O Bem Amado*, de Dias Gomes, reproduzida pela *Rede Globo* em 1973. Odorico Paraguaçu costumava utilizar palavras que não se encontram em nosso léxico usual, mas que são criadas de acordo com as regras naturais da língua portuguesa. Um exemplo é a palavra “defuntar”, formada por um processo de *derivação sufixal*, a partir do acréscimo do morfema sufixal “-ar” sobre o substantivo “defunto”, criando assim um verbo. Outro exemplo é a palavra “namorismo”, também criada pelo processo de derivação sufixal, a partir do acréscimo do morfema sufixal “-ismo” sobre o substantivo “namoro”, formando então outro substantivo, com outro significado, referindo-se à prática do namoro como uma espécie de movimento social. Esses itens lexicais, mesmo que não façam parte do nosso vocabulário usual, soam como gramaticais, já que foram criados em conformidade com as regras da língua portuguesa. Graças aos conhecimentos gramaticais que temos internalizados, podemos compreender muito bem, por exemplo, que “defuntar” se trata de um verbo, já que o par de morfemas “-ar” configura uma de suas formas no infinitivo.

Por meio de discussões como esta, envolvendo palavras que não compõem o nosso léxico usual, os/as estudantes poderão recorrer a sua competência gramatical internalizada para formular generalizações com outras palavras, pensando nas práticas pedagógicas escolares. Ao mesmo tempo, estarão refletindo sobre os processos de formação de palavras,

sobre as possibilidades de combinações de morfemas e sobre os seus papeis na produção dos significados das palavras, dentre outros aspectos importantes. Nessa perspectiva, Avelar (2017) ressalta a importância de estudarmos as classes gramaticais antes das análises de formação das palavras para facilitar a abordagem, no sentido de esclarecer como estes processos de criação vocabular influenciam e modificam a classe de uma palavra.

Falando novamente sobre o personagem Odorico Paraguaçu, podemos observar com Avelar (2017) que ele costumava usar a palavra "patrasmente", em casos como a citação "meus patrasmentes políticos". É possível que haja o entendimento de que "patrasmente" signifique "fatos passados", mas os/as alunos/as não vão entender o processo de criação dessa palavra se não souberem distinguir as classes existentes. Nesse caso específico, Avelar (2017) explica que "patrasmente" é criada a partir da locução adverbial "para trás". Essa locução é transformada em um advérbio através da colocação do morfema "-mente" e depois é substantivada, o que permite a inclusão do morfema "-s", indicando o plural. Ou seja, os/as estudantes precisam (re)conhecer as classes de palavras e suas subclassificações e propriedades específicas (aspectos estruturais, regras, funções, etc.) para que possam entender todo o processo de formação. Entendemos que essa é uma estratégia didática positiva para os estudos morfológicos. Nessa perspectiva, Avelar (2017 diz que

> Outra estratégia que costuma ser didaticamente positiva no estudo da morfologia é chamar a atenção para o modo como um mesmo morfema é empregado em diferentes situações de interlocução. A partir de atividades desse tipo, os alunos podem ser orientados a fazer generalizações, bem como a formular e testar hipóteses simples (procedimentos que são relevantes em qualquer campo de estudo) sobre as propriedades dos diferentes morfemas (AVELAR, 2017, p. 92-93).

Um caso para ilustrar essa estratégia de chamar atenção para o emprego de um mesmo morfema em diferentes situações discursivas pode ser o do "-inh(o/a)". É provável que os/as alunos/as digam, previamente, que esse pedaço linguístico se refere a tamanho pequeno (diminutivo). Após as discussões iniciais, os/as docentes poderão apresentar textos (orais e/ou escritos) nos quais possam demonstrar que este morfema pode expressar outros sentidos para além do diminutivo. Um exemplo, sugerido por Avelar (2017), é uma cena da novela *Cambalacho* (Rede Globo, 1986), envolvendo as personagens Lili Bolero (Consuelo Leandro) e Tina Pepper (Regina Casé). Nesta cena, Tina entra em conflito com sua mãe por causa das instruções que foram dadas aos empregados sobre o preparo das refeições. Vejamos a parte inicial da cena na transcrição abaixo:

A CENA COMEÇA COM LILI BOLERO, MÃE DE TINA PEPPER, AO LADO DOS EMPREGADOS DA MANSÃO PARA DAR INSTRUÇÕES SOBRE AS REFEIÇÕES DO DIA.

LILI: Então o negócio é o seguinte: a nossa comidinha aqui é simples, é o trivial, mas é uma coisa gostosa. Arrozinho solto, branquinho, feijãozinho gordo, bastante caldo. Depois nós queremos ovinho frito, bifinho, uma farofinha e bolinho. O Dinho adora bolinho. Ah, mandioca, aipim frito, também a gente gosta bastante.

Figura 4: Trecho transcrito da cena da novela "Cambalacho
Fonte: Avelar (2017).

Podemos perceber que nas palavras "branqu**inh**o", "feijãoz**inh**o", "bif**inh**o", "farof**inh**a" e "bol**inh**o", o morfema "-inh(o/a)" não está indicando tamanho pequeno. Nestas ocorrências, esse pedaço linguístico apresenta um sentido de apreciação, de carinho, por parte de Lili Bolero, na intenção de valorizar a simplicidade das refeições. Agora vejamos outra parte da cena, dessa vez apresentando a fala de Tina Pepper.

TINA: Ô pobreza! Mamãe, pelo amor de Deus, não me envergonha na frente da criadagem. É isso mesmo, viu, minha filha! Agora, na hora do almoço, nós podemos, vamos assim, lançar um filé mignon, né? Filé mignon! E nada de me vir com aquele bifinho batidinho na tábua pra render não, tá, aquele bifinho sem-vergonha que vocês gostam de fazer! Não! Quando eu digo bife, eu digo bife, eu digo alto (TINA FAZ UM GESTO COM OS DEDOS DA MÃO PARA INDICAR A GROSSURA DO BIFE DESEJADO), eu digo macio, entendeu? Aquele bifão assim! Depois pro chá das cinco…

Figura 5: Trecho transcrito da cena da novela "Cambalacho".
Fonte: Avelar (2017).

Na fala de Tina Pepper, podemos concluir que o "-inh(o)" nas duas ocorrências da palavra "bifinho" apresenta um sentido negativo de depreciação à refeição, o que é intensificado pelo sintagma "bifinho sem-vergonha", utilizado para caracterizar, de modo depreciativo, o cardápio. No mesmo trecho da cena, vemos a ocorrência do morfema intensificador "-ão" em "bifão", que se opõe ao "-inh(o)". A partir dessa discussão, os/as aluno/as poderão concluir que a concepção de que o "-inh(o)" é indicador de tamanho pequeno deve ser aprimorada, bem como poderão refletir sobre outros casos onde esse morfema atue com sentido de afetividade, de depreciação, dentre outros.

Outra discussão importante para ser desenvolvida com os/as estudantes, também sugerida por Avelar (2017), é em relação à oposição entre *morfema lexical* e *morfema gramatical*. Segundo o autor, esse é um ponto que costuma ser negligenciado pelos livros didáticos. Lembrando que o morfema lexical serve para indicar um referente (seres, ideias,

estados, eventos, processos, etc.) que faz parte do universo extralinguístico, enquanto o morfema gramatical serve para indicar informações ou conceitos que não se remetem ao universo extralinguístico e que são necessários à composição dos enunciados ou palavras.

Podemos notar, a partir de Batista (2011), que grande parte das palavras da nossa língua portuguesa são constituídas pela combinação entre morfemas lexicais e morfemas gramaticais. O reconhecimento desses morfemas pode ser acentuado em certos momentos, como por exemplo, quando os/as docentes explicarem que o substantivo se flexiona em gênero e número e que os adjetivos devem concordar com os substantivos, observando essas duas categorias. As flexões são propriedades relacionadas aos morfemas gramaticais afixados aos morfemas lexicais. Para entender melhor essa oposição dos morfemas, os/as professore(a)s podem trabalhar com textos em que apresentem um mesmo morfema lexical anexado à diferentes morfemas gramaticais, no sentido de refletir sobre as mudanças de sentido em cada forma flexionada. O samba-enredo "Sonho de um sonho" (Martinho da Vila, Rodolpho, Graúna) é bom exemplo de texto para essa atividade.

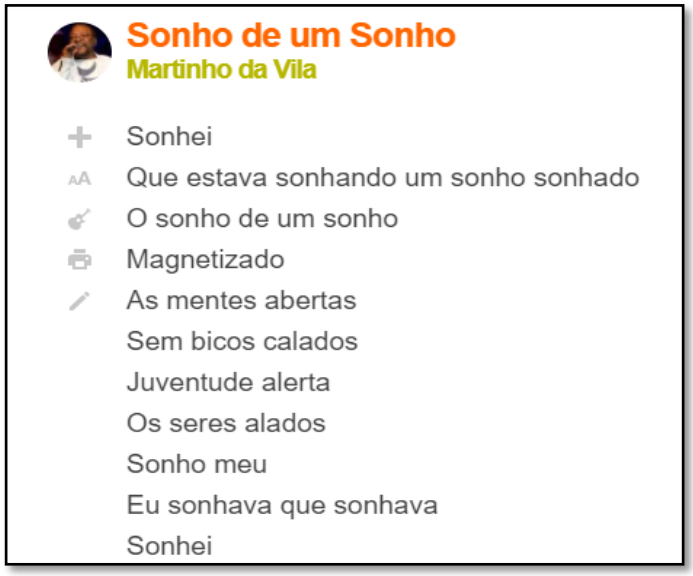


Figura 6: Trecho da letra do samba-enredo "Sonho de um sonho"
Fonte: www.letras.mus.br

Na letra do samba-enredo, vemos o morfema lexical "sonh-" se articulando com diferentes morfemas gramaticais: **sonh**ei, **sonh**ando, **sonh**o, **sonh**ado, **sonh**ava. Por meio dessa letra, o/a aluno/a, auxiliado/a pelo/a docente, poderá refletir sobre os sentidos propostos em cada uma dessas palavras e de como essas associações afetam o sentido da letra, de forma geral. Nessa perspectiva de trabalho com letras de música ou com outros gêneros discursivos, os/as professores/as poderão discutir sobre as propriedades morfológicas de uma forma didática e dinâmica, promovendo reflexões importantes sobre como a estrutura da palavra

(sua organização interna) interfere na composição dos sentidos de um texto. Dessa forma, os/as alunos/as serão instigados/as a pensar sobre outros arranjos linguísticos, fazendo generalizações e testando hipóteses, e, consequentemente, poderão aperfeiçoar suas habilidades linguístico-discursivas.

Cabe, portanto, aos professores e às professoras, principalmente os/as em formação, o desafio de fugir do modelo de ensino baseado em preceitos referentes à gramática normativa, que lida acriticamente com velhos conceitos reproduzidos historicamente. Sendo assim, ressaltamos a importância da morfologia lexical no âmbito escolar para a possiblidade de se desenvolver aulas em que os/as alunos/as possam refletir sobre os processos de formação de palavras, sobre a relação do léxico com a sintaxe, com o discurso, com a semântica, dentre outras áreas. Fica como dica também a importância do trabalho com gêneros discursivos diversificados em vislumbre de um ensino contextualizado de morfologia, associado às práticas sociais. O minicurso a ser relatado aqui neste Trabalho, no capítulo 4, se inspirou nos parâmetros aqui discutidos, de modo a atuar na formação docente em Letras-Língua Portuguesa para aulas de “dinâmicas morfológicas”.

CAPÍTULO 03
ESTUDOS DE MORFOLOGIA EM LIVROS DIDÁTICOS

O livro didático, há tempos, faz parte do cotidiano escolar, servindo de apoio pedagógico para os/as educadores/as no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem em diversas áreas ou campos do conhecimento. Para Bittencourt (2014), o livro didático, no Brasil, surgiu no século XIX. É o material pedagógico mais utilizado no âmbito educacional, sendo fundamental para o planejamento das aulas e para a prática docente. Segundo Bittencourt (2014),

> No Brasil, esse tipo de obra nasceu junto com o currículo, quando a educação Escolar se ampliou, no século 19, e deixou de ser algo que só a elite tem acesso. Na época, a função das publicações dessa natureza era reunir os conteúdos que deveriam ser ministrados aos alunos. No mesmo século, o ensino começou a ser divido em disciplinas, e os próprios professores de cada área produziram o livro a ser usado, fazendo dele o material que organizava as aulas. Pouco depois, surgiram as cartilhas e os métodos de aprendizagem. E, como não havia muitos cursos de formação de formação de docentes na época, os livros didáticos assumiram a função de formar o professor, o que acontece até os dias de hoje porque muitos preparam as aulas com base no que consta neles (BITTENCOURT, 2014, p. 26).

Como pudemos notar, desde o século XIX, o livro didático desempenhou um papel de extrema importância para as práticas pedagógicas escolares, substituindo até mesmo cursos de formação docente, ou seja, é um instrumento que afeta e que direciona o aprendizado através da metodologia dos/as educadores/as. A partir do século seguinte, no ano de 1985, ocorreu o processo de redemocratização brasileira, como afirma Silva (2012). A partir desse ano, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) instituiu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com o objetivo de universalizar o uso do livro didático através da distribuição gratuita daqueles que eram escolhidos pelos/as educadores/as que fazem parte da comissão técnica de avaliação.

Essa parte da avaliação é muito importante porque, conforme nos diz Bittencourt (2014), alguns livros não são aprovados por serem excessivamente ideológicos, por exemplo. Nesse contexto, é importante salientar que o livro didático é um material ideológico. Os conteúdos contidos no livro são influenciados por alguns aspectos como as demandas de mercado, as diretrizes educacionais governamentais e a conjuntura cultural de cada época. Desse modo, é preciso que os/as docentes tenham cuidado e saibam utilizar esse material da melhor forma possível. Além disso, vale ressaltar que o livro didático é o principal material de

apoio pedagógico, mas não é o único. Outros recursos ou fontes podem ser utilizadas para diversificar a prática pedagógica.

A utilização de outros recursos didáticos é importante porque é possível que determinados conteúdos do livro sejam insuficientes para a construção de aprendizagens significativas que auxiliem na formação dos/as estudantes. É preciso que os/as docentes e os estudantes em formação docente observem, por exemplo, de que forma os conceitos estão sendo apresentados, bem como se as ilustrações estão coerentes com o conteúdo e se as atividades propostas irão auxiliar no processo de desenvolvimento dos/as alunos/as de sua classe, ou seja, é necessário saber qual material selecionar e para quem vai lecionar. Portanto, dependendo do ponto de vista, pode ser o que livro didático não seja classificado como bom pelo/a educador(a). Mas o que faz o livro didático ser bom? Segundo Bittencourt (2014), quem faz o livro didático ser bom é o/a professor(a). Para a educadora, o aspecto principal é uso que se faz do livro, e isso significa também procurar outras fontes complementares de pesquisa.

Através das palavras de Bittencourt (2014), percebemos que o/a docente desempenha um papel importantíssimo em relação ao uso do livro em suas aulas. Mas como seria então usar o livro de maneira adequada/equilibrada? Soares (2015) apresenta uma "resposta" interessante para essa indagação, utilizando a metáfora do livro como guia:

> Na metáfora do livro como guia, significa dizer que ele pode assumir diferentes formas: uma bússola, que indica o norte ao viajante, mas deixa por sua conta a trajetória e o destino; um mapa em papel no qual se vê a autopista sugerida, mas também atalhos e estradinhas vicinais que é possível tomar; ou um GPS, que seleciona a rota por você e ordena, detalhadamente, o caminho até o destino (SOARES, p.18, 2015).

Podemos perceber, com Soares (2015), que o/a professor(a) é quem decide, ou pelo menos é quem deveria decidir, o caminho que será seguido e os recursos e métodos que serão utilizados para se chegar ao destino pretendido. Fica claro, mais uma vez, que o livro didático é a principal fonte condutora das práticas pedagógicas em sala de aula, mas não precisa e não deve ser a única. É claro que essa situação seria a ideal, mas nem sempre é o que acontece, pois como o próprio Soares (2015) salienta, a centralidade do livro didático no processo de ensino e aprendizagem escolar tem raízes históricas (desde o período imperial). Em suma, o mais importante é que o/a docente possa usar o livro de uma maneira crítica e reflexiva, analisando os conteúdos que devem ser aprofundados (e de que modo devem ser abordados) e planejar atividades complementares que possam preencher as possíveis lacunas.

Tendo em vista a importância do livro didático e do uso que o/a docente faz dele em sala de aula, vamos partir agora para um estudo mais específico sobre alguns livros didáticos analisados por Almeida (2020), Nunes (2018) e Souza (2020). Estes estudos foram desenvolvidos na Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, na cidade de Delmiro Gouveia. Esse estudo aqui se torna importante, pois são reflexões já desenvolvidas na área de morfologia sob a orientação do professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, no campus do Sertão, e ajuda a pensar a formação docente e seus embasamentos nos estudos em morfologia e as necessidades apontadas para a educação básica.

3.1 Ensino de morfologia em livros didáticos: estudos no sertão alagoano

Quando falamos em ensino de morfologia em livros didáticos, esperamos que nesses materiais estejam contidos conteúdos e abordagens que possibilitem um estudo de natureza enunciativo-discursiva, onde os/as estudantes possam refletir sobre a estrutura das palavras (morfemas e processos de formação) e os diferentes sentidos propostos em diversos contextos/gêneros discursivos. Sendo assim, tendo como base as pesquisas dos/as estudantes da UFAL (Sertão), dividimos essa discussão em três categorias de análise, quais sejam: *noção de palavra, morfemas e processos de formação de palavras.*

3.1.1 Noção de palavra

Analisando o capítulo “Língua: uso e reflexão” do livro “Português: Linguagens” (1° ano do Ensino Médio), de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, Nunes (2018) concluiu que a abordagem sobre palavra segue a linha da gramática tradicional (filosófica). Segundo a pesquisadora, o livro fala sobre *morfemas* (conceito e tipos), *radical*, *vogal temática*, *desinências*, *tema*, *afixo*s e *vogais e consoantes de ligação*, mas não há uma reflexão sobre a palavra como um elemento divisível, pelo contrário, o material didático discute a palavra sob a perspectiva da *palavra citação*, ou seja, a palavra é vista como um bloco indivisível, mas que pode apresentar formas variadas. Há também, de acordo com Nunes (2018), influência da gramática de Panini, que tratava a palavra como um aglomerado de elementos. Nesse caso, portanto, o foco é a forma e a morfologia flexional é a base de estudos. Para reforçar essa inferência, a pesquisadora destaca dois exercícios do livro: um que pede para os/as estudantes formarem uma família de palavras a partir da palavra “aguaceiro” e

outro que solicita, apenas, para identificar o radical, a vogal temática e o tema da palavra "espalham".

Outro livro, também analisado por Nunes (2018), com o título de "Português: de olho no mundo do trabalho" (Ernani Terra e José de Nicola, 2005), segue essa mesma concepção de palavra enquanto um bloco indivisível, focando a forma. Segundo a pesquisadora, no capítulo dedicado a discutir sobre estrutura e formação das palavras, há cinco páginas em que consta uma lista enorme de afixos de origem grega e latina, além de uma tabela contendo exemplos de radicais e seus sentidos. Claramente, a intenção é fazer com que com os/as alunos/as decorem esses dados. Essa análise de Nunes (2018) só corrobora com o que já vimos no capítulo 2, quando Basílio (2013) fala sobre a insistência das disciplinas, dos cursos de formação e dos materiais didáticos em apresentar listas de radicais, prefixos e sufixos, devido à influência de paradigmas como a gramática clássica (greco-latina), o modelo palavra-e-paradigma e a Linguística Histórica.

Dando continuidade às análises de livros didáticos, Souza (2020) observou que no livro 1 de Língua Portuguesa (ensino médio) da coleção "Se Liga na Língua", a noção de palavra que se toma é, também, a proveniente da gramática clássica. Esse livro tem como autora e autor Cristiane Siniscalchi e Wilton Ormundo. O livro está dividido em três blocos, quais sejam, *Literatura, Produção de Texto e Linguagem.* Segundo Souza (2020), o livro discute a formação de palavras e as questões lexicais a partir de textos literários; aborda a linguagem em uso, trabalhando com diferentes gêneros textuais; explora os diferentes níveis de análise linguística junto ao estudo morfológico. Todas estas percepções nos parecem muito positivas em relação ao que esperamos sobre o ensino de morfologia na escola. Porém, com base no texto contido na apresentação do livro, o pesquisador salienta que a autora admite estar deixando de lado os usos reais da língua em função do estudo de língua portuguesa sem "erros". Segundo Souza (2020), essa posição da autora fica explícita através da citação do nome de Evanildo Bechara, gramático que é seguidor de uma perspectiva prescritiva de língua, de uma vertente linguística considerada como correta e que deve ser seguida.

Outra coleção que parece seguir essa mesma concepção de palavra, com base em uma gramática tradicional/prescritiva, é a analisada por Almeida (2020), com o nome de "Conhecer para crescer", de Língua Portuguesa, da autora Cristiane Buranello (2008). Os livros analisados foram os do 3°, 4º e 5º ano do ensino fundamental. De acordo com a pesquisadora, os três livros estão fundamentados na perspectiva da gramática normativa e se distanciam de um estudo reflexivo-discursivo de morfologia. O estudo de Almeida (2020) nos mostrou que os livros trabalham com velhos conceitos e definições para abordar as classes de

palavras, deixando de lado os critérios sintáticos e semânticos. Para ilustrar esse fato, vejamos um exemplo retirado de um dos livros.

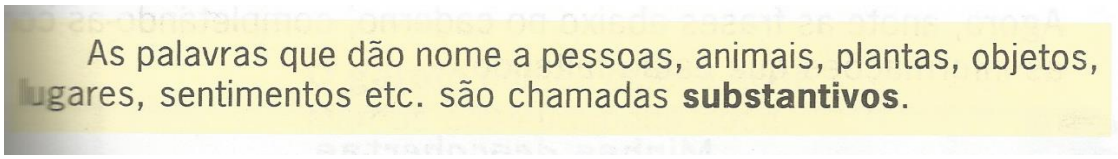


Figura 7: Recorte do livro didático do 3° ano fundamental.
Fonte: Buranello, (2008).

Como pudemos notar, essa definição de substantivo não leva em conta as propriedades morfológicas, ou seja, não destaca que os substantivos se flexionam em número e gênero. Segundo Almeida (2020), os três livros analisados seguem essa mesma linha de trabalho a partir da reprodução de velhos preceitos atrelados à gramática normativa, fato que é criticado por Avelar (2017). Segundo esse autor "nas definições do substantivo e do verbo, por exemplo, os alunos costumam se deparar com asserções do tipo *palavra que serve para dar nome aos seres e palavra que serve para indicar ação processo ou estado*, respectivamente" (AVELAR, 2017, p. 90). A partir de asserções como essas, sobre substantivo e verbo, fica muito difícil que os/as alunos/as reconheçam, de forma efetiva, as palavras que compõem estas classes, afinal de contas, muitas palavras que indicam ação, processo ou estado não são verbos, como *construção*, *evolução* e *preguiça*. Além do mais, nem sempre os substantivos indicam nome de seres, como, por exemplo, *ódio* e *amor* que expressam sentimentos.

Portanto, para Avelar (2017), o aspecto morfológico é o mais adequado para definir um substantivo e um verbo. Levando em consideração o aspecto morfológico, podemos dizer que substantivos são palavras que se flexionam em gênero e número e que os verbos são palavras que se flexionam em tempo, modo, aspecto, número, pessoa e voz. Então, com base no estudo de Avelar (2017), podemos concluir que a noção de palavra adotada pela coleção analisada por Almeida (2020) se aproxima muito mais de uma visão clássica (filosófica), tratando a palavra como indivisível, já que os livros parecem ter o objetivo de fazer com que os/as estudantes conheçam as palavras em si, sem refletir sobre os processos de formação e sobre como elas se organizam internamente.

Consideramos, então, através dos estudos de Nunes (2018), Souza (2020) e Almeida (2020), que os livros investigados não apresentam uma abordagem enunciativo-discursiva de palavra, se aproximando muito mais da noção estabelecida pela gramática clássica, de origem greco-latina. Além do mais, está muito presente, nesses materiais, uma concepção de língua fundamentada pela gramática normativa, de base prescritiva, quando o ideal seria promover um trabalho baseado na descrição e interpretação linguística, de modo a analisar os usos reais

da língua, estudando a palavra pela dimensão enunciativo-discursiva (tomando-a como um produto ideológico) como sugere Santos Filho (2018), por exemplo.

3.1.2 Morfemas

Depois de termos discutido sobre a noção de palavra adotada nos livros didáticos analisados, vamos agora direcionar a discussão para outro ponto de grande importância no que diz respeito ao ensino de morfologia: *os morfemas*. Como os livros didáticos abordam/ problematizam os morfemas? Para chegar a uma resposta sobre essa indagação, começamos pelo estudo de Nunes (2018) que analisou essa questão em três livros do ensino médio: "Português: Linguagens", de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; "Português: de olho no mundo do trabalho", de Ernani Terra e José de Nicola e "Ser Protagonista", organizado por vários autores.

Os três livros, segundo Nunes (2018), conceituam "morfema" (seu significado) a partir da linguística estruturalista. Os conceitos apresentados são bastante resumidos, como podemos observar, logo abaixo, em um dos livros.

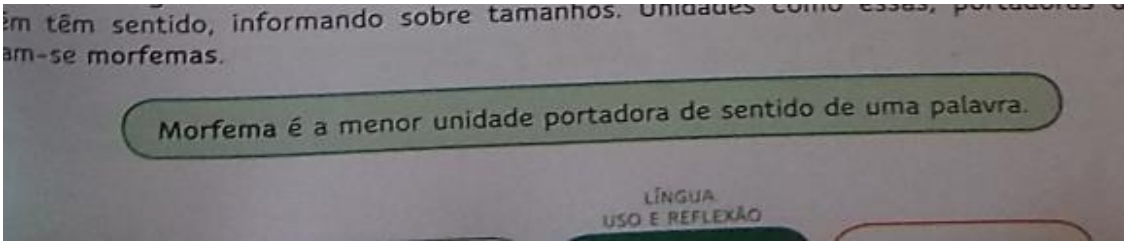


Figura 8: Recorte do livro "Português Linguagens"
Fonte: Cereja e Magalhães (2012)

Os outros dois livros também seguem essa mesa linha conceitual. Nunes (2018) destaca que esses conceitos apresentados são abandonados, pois os livros não trabalham com eles nas discussões que seguem. Ainda segundo a pesquisadora, esperava-se que os livros problematizassem essa ideia de "menores partes significativas", mas o que ocorre é uma abordagem sobre a classificação das palavras e de suas partes. Ou seja, falou-se sobre as divisões, mas como formas. A estudante em formação docente diz que o livro "Ser Protagonista" (organizado por vários autores), retrata "conceitos de morfemas lexicais, definindo como aquele que remete à realidade extralinguística, e morfemas gramaticais, como aquele que só tem significado no interior da língua" (NUNES, 2018, p. 22). Fala também sobre o eixo das escolhas e das combinações, mas não promove uma reflexão logo em seguida sobre os significados que os morfemas trazem.

Continuando no livro “Ser Protagonista”, Nunes (2018) menciona, como um destaque positivo, uma atividade em que se pede para pensar sobre a escolha e a combinação, através de um texto do gênero *tirinha,* instigando os/as estudantes a refletirem sobre as escolhas das palavras que foram utilizadas em determinada situação discursiva e sobre os sentidos produzidos. Além do mais, há ainda, no mesmo livro, uma breve distinção entre morfema lexical e morfema gramatical e também um texto com divulgação de alguns lugares gastronômicos para discutir os morfemas “-eria” e “-aria” em palavras como “sorveteria” e “papelaria”. Nesse sentido, podemos dizer que, neste material didático, os autores tentam fugir um pouco de uma abordagem tradicional de estudos, dando a possibilidade de discutir sobre os morfemas e seus significados a partir de usos reais da língua, aproximando-se um pouco de uma abordagem enunciativa.

Outro destaque positivo, em relação ao estudo dos morfemas, é apontado por Souza (2020), no livro 1 da coleção “Se Liga na Língua”. O pesquisador traz uma tirinha, recortada do livro, que possibilita discutir sobre como são constituídos os morfemas. Vejamos:

Figura 9: Tira do MiG e MEG.
Fonte: Moderna (2016).

Nessa tirinha, há a presença de palavras como “fazedor” e “pensador”, na intenção de fazer refletir sobre as semelhanças fonológicas e morfológicas. O estudante ressalta a intenção do livro em demonstrar também que as palavras mencionadas são oriundas dos verbos fazer e pensar, a partir de um processo de subtração do morfema que marca o infinitivo dos verbos “-r” e do acréscimo do morfema gramatical derivacional “-dor”, indicando o agente da ação: “pensador”, aquele que pensa, e “fazedor”, aquele que faz. Souza (2020) ressalta que o pedaço linguístico “-dor” é encontrado especialmente em substantivos e adjetivos derivados de verbos. É um morfema bastante usado, podendo tomar também a forma feminina e plural, como na palavra “vende-**dor**-a-s”.

Conforme salienta Souza (2020), o início do estudo sobre os morfemas, por meio da tirinha, é satisfatório, pois permite entender que a palavra é formada por partes significativas. Além do mais, possibilita descrever, explicar e interpretar os usos reais da língua, atentando-se às partes que constituem as palavras. Ainda neste início dos estudos sobre os morfemas, Souza (2020) aponta outros pontos interessantes que foram abordados: a concepção da língua como um sistema constituído por diversos elementos como os morfemas, que se juntam para formar (novas) palavras de acordo com a necessidade comunicativa de cada sujeito; ensina que a palavra pode ser criada, seguindo determinadas regras; conceituam e fazem distinção entre morfemas lexicais e morfemas gramaticais, etc. Porém, apesar desses pontos interessantes, o pesquisador observa que a partir do momento em que se inicia o estudo sobre a classificação dos morfemas, o livro acaba fazendo uma confusão, tornando problemático o ensino de morfologia.

Segundo Souza (2020), o problema ocorre quando o autor e a autora do livro (Cristiane Siniscalchi e Wilton Ormundo) apresentam uma abordagem sobre o "radical", que na visão dele e dela, também é conhecido como morfema lexical. Há aí, portanto, uma mistura de perspectivas teóricas, uma confusão de conceitos que prejudica o estudo de morfologia. Sobre esse problema, destacamos as palavras de Santos Filho (2018), quando denomina de "(re)categorização" esse processo de substituição de termos, radical no lugar de morfema lexical. O mesmo caso vale para o estudo a partir dos termos *prefixos* e *sufixos*, onde "o foco recai sobre as formas e seu caráter agregador de formas secundárias à palavra citação" (SANTOS FILHO, 2018, p. 312).

De acordo com Santos Filho (2018), portanto, esse processo de recategorização apaga a noção de "morfema" (menor unidade da língua que possui significado) que é a que consideramos como adequada para os estudos morfológicos atuais. Por meio da noção de morfema, entendemos as palavras não como simples aglomerados linguísticos, mas como itens que podem assumir diferentes formas e diferentes sentidos por meio da combinação dos morfemas, e que essas diferentes combinações influenciam na composição e no sentido global de enunciados. Ainda dentro desse contexto, Borges Neto (2008) diz que esse procedimento didático de recategorizar os elementos linguísticos cria "monstrinhos teóricos", pois obscurecem algumas noções, misturam conceitos e dificultam o avanço nos estudos morfológicos por meio de aprendizagens significativas.

Na continuação do livro, o autor e autora falam sobre afixos, desinências, família de palavras, o que sustenta ainda mais essa confusão de conceitos. Portanto, através da análise de Souza (2020), entendemos que no início até era possível perceber uma abordagem enunciativa

de estudo, através de uma reflexão sobre a estrutura das palavras e sobre os sentidos propostos em determinadas situações discursivas. Mas, lamentavelmente, na sequência, a abordagem recai sobre as formas, sobre a ideia de palavra citação e os acidentes (flexões), ao mesmo tempo em que as propriedades lexicais e a dimensão enunciativo-discursiva são secundarizadas.

Para concluir esse ponto de análise sobre os morfemas, constatamos que os três livros da coleção "Conhecer para crescer", investigados por Almeida (2020), não apresentam discussões sobe os morfemas, sendo necessário, segundo a pesquisadora, recorrer a outros materiais para a possibilidade de desenvolver um estudo mais aprofundado e consistente. Apesar de serem livros para as séries iniciais do ensino fundamental, consideramos que seria importante iniciar essa discussão sobre os morfemas com as crianças. Certamente, o estudo nos primeiros anos escolares facilitaria as práticas pedagógicas vindouras voltadas ao ensino de morfologia.

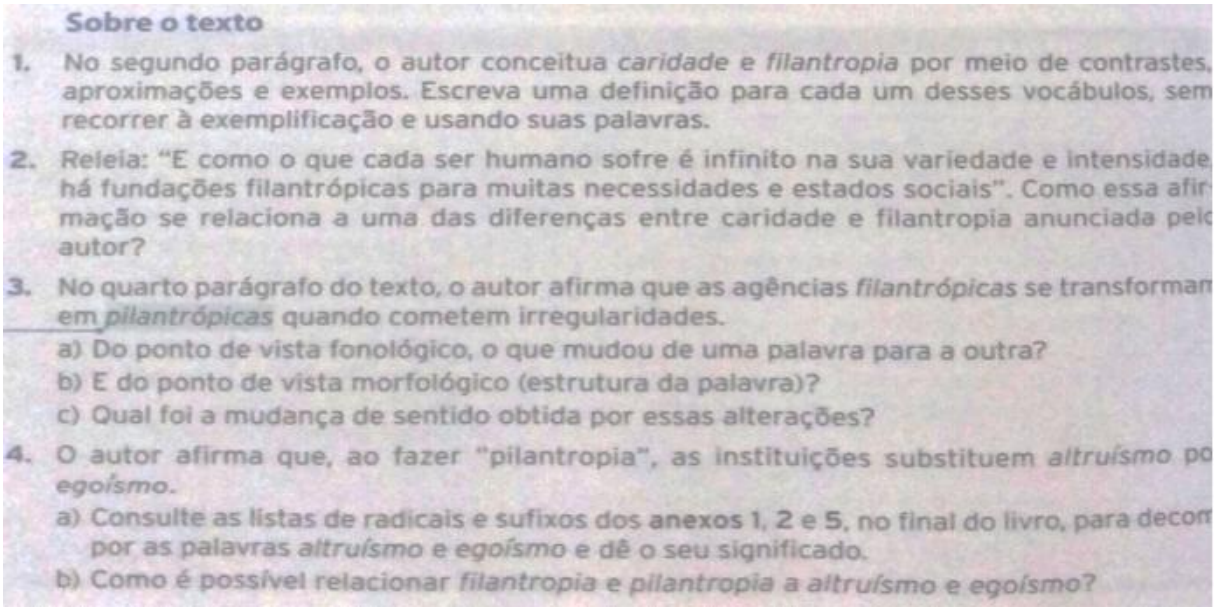
3.1.3 Processos de formação de palavras

Depois da análise sobre a questão dos morfemas, nos livros didáticos analisados, consideramos importante também observar como esses materiais abordam o assunto *formação de palavras.* Nesse contexto, já adiantamos que na pesquisa de Almeida (2020) há um direcionamento, segundo as próprias palavras da pesquisadora, para que os/as alunos/as estudem as classes de palavras, mas sem conhecer/entender os processos de formação. Nos livros que a estudante em formação analisou, fala-se muito sobre a classificação das palavras, mas sem discutir os processos de formação. Sobre esse ponto, apoiados nas ideias de Avelar (2017), consideramos que seria muito importante que após o estudo sobre as classes, os/as estudantes pudessem ser levados/as a refletir sobre a estrutura e formação de determinadas palavras, além de observar como determinadas combinações provocam mudanças de classe e de sentido.

No que diz respeito ao tema formação de palavras, Nunes (2018) aponta alguns pontos encontrados no livro "Ser protagonista", de Barreto (2010). Segundo ela, o livro apresenta uma tabela resumida com alguns processos como o hibridismo[5], algumas questões de redução e de transformação da escrita da internet ("vc", "naum"). Apresenta discussão sobre os neologismos, pontuando que se trata de novas palavras que são criadas na língua. Desse

[5] O hibridismo, segundo Batista (2011), ocorre quando uma palavra é formada pela mistura dos vocabulários de duas ou mais línguas, como "televisão", palavra formada de elementos do grego e do português.

modo, a pesquisadora, destaca como exemplo a palavra “pilantropia”, presente em um texto do livro, que faz uma referência à palavra “pilantra”. O texto, intitulado “Filantropia” explica o significado desse termo e traz, no final, a formação “pilantropia” para caracterizar algumas agências que atuam de maneira irregular. Ou seja, segundo Nunes (2018), o texto objetiva fazer com que os/as estudantes entendam o significado de filantropia para entender a formação da palavra “pilantropia”. De modo geral, as atividades sobre esse texto, como podemos ver a seguir, procuram fugir de uma abordagem tradicional (da gramática normativa) e estimular os estudantes a pensar sobre os aspectos semânticos, fonológicos e morfológicos da língua.



Sobre o texto

1. No segundo parágrafo, o autor conceitua *caridade* e *filantropia* por meio de contrastes, aproximações e exemplos. Escreva uma definição para cada um desses vocábulos, sem recorrer à exemplificação e usando suas palavras.
2. Releia: “E como o que cada ser humano sofre é infinito na sua variedade e intensidade, há fundações filantrópicas para muitas necessidades e estados sociais”. Como essa afir- mação se relaciona a uma das diferenças entre caridade e filantropia anunciada pelo autor?
3. No quarto parágrafo do texto, o autor afirma que as agências *filantrópicas* se transformam em *pilantrópicas* quando cometem irregularidades.
   a) Do ponto de vista fonológico, o que mudou de uma palavra para a outra?
   b) E do ponto de vista morfológico (estrutura da palavra)?
   c) Qual foi a mudança de sentido obtida por essas alterações?
4. O autor afirma que, ao fazer “pilantropia”, as instituições substituem *altruísmo* por *egoísmo*.
   a) Consulte as listas de radicais e sufixos dos **anexos 1, 2 e 5**, no final do livro, para decom- por as palavras *altruísmo* e *egoísmo* e dê o seu significado.
   b) Como é possível relacionar *filantropia* e *pilantropia* a *altruísmo* e *egoísmo*?

Figura 10: Recorte da atividade do livro didático.
Fonte: Barreto (2010).

Apesar de podermos observar, no recorte da atividade, alguns resquícios da gramática clássica e de outros paradigmas históricos, nas elaborações de materiais didáticos (como a existência de listas com radicais, prefixos e sufixos), entendemos que há uma iniciativa de promover um estudo contextualizado, baseado nos usos reais da língua. Sobre essa questão do neologismo, é preciso ter cuidado, pois como diz Basílio (2013), costuma-se dizer que este termo se refere a palavras novas que foram criadas, consideradas como eventuais. Isso pode fazer com que não se tenha o interesse em estudar a formação desses vocábulos e que o foco recaia sobre as palavras previamente existentes, quando na verdade, o estudo de palavras que não fazem parte do nosso léxico usual é bastante produtivo, como sugere Avelar (2017).

Percebemos também, com o estudo de Nunes (2018), a iniciativa do livro em demonstrar a capacidade das pessoas de criar palavras a partir dos conhecimentos linguísticos

e gramaticais que possuem internalizados (léxico interno), de modo a atender aos seus interesses comunicativos. Nesse caso, a pesquisadora ressalta a relação entre língua e os conhecimentos cognitivos (habilidades mentais), fundamentada em autore(a)s como Antunes (2012) e Batista (2011).

Sobre essa relação entre língua e as habilidades cognitivas, há um exemplo interessante destacado por Nunes (2018). O personagem infantil Marcelo do livro "Marcelo, Marmelo, Martelo", de Ruth Rocha (2011), cumprimentava as pessoas dizendo "bom solário" e "bom lunário", no lugar de "bom dia" e "boa noite". Podemos ver um recorte do livro a seguir.

Mas estava custando a passar... Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:
— Bom solário, bom lunário... — que era como ele chamava o dia e a noite.
E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.

Figura 11: Trecho do livro "Marcelo, marmelo, martelo".
Fonte: Rocha (2011).

Percebemos, no recorte do livro, que a palavra "solário" é formada pela junção do morfema lexical "sol" com o morfema gramatical "-ário", fazendo menção à luz do dia. Já a palavra "lunário" é formada pela junção do morfema lexical "lun-" com o morfema gramatical "-ário", referindo-se à luz da noite (provocada pela lua). Essas reflexões foram realizadas por Nunes (2018), a partir do recorte da história infantil que o livro didático apresenta.

Outras palavras, criadas pelo personagem infantil, foram citadas pela pesquisadora, como “Latildo”, nome do cachorro, que certamente está relacionado ao som que o animal faz (o latir). Nesse caso, a formação seria a partir do morfema lexical “lat-” junto com “ildo”, parte comum em nomes de pessoas. Esses exemplos são muito positivos para despertar o interesse e a curiosidade dos/as estudantes sobre a estrutura e a formação das palavras. Com a ajuda dos/as professores/as, os/as alunos/as poderão refletir sobre questões referentes ao léxico (interno e externo) e sobre os sentidos mobilizados por determinados (re)arranjos linguísticos. Além do mais, os/as estudantes poderão entender também, como diz Batista (2011), que o nosso léxico não é fechado, pois novas palavras são formadas constantemente para suprir as necessidades interacionais das pessoas.

Seguindo a análise sobre formação de palavras, o livro analisado por Souza (2020) apresenta uma seção específica para tratar dos principais processos. Segundo o pesquisador, o primeiro processo abordado é o de *composição*, de modo que antes mesmo de qualquer explicação, o livro traz uma atividade, dando a entender que já é esperado que os/as estudantes tenham uma noção prévia sobre o assunto. Na atividade, a palavra que é utilizada como recurso para discutir o processo de composição é “passatempo”. Conforme Souza (2020) analisou, o livro didático diz que esta palavra é formada pela junção de dois radicais: a forma verbal “passa” e o substantivo “tempo”. Vemos, mais uma vez, a influência de paradigmas epistemológicos como a gramática clássica. Nesse caso, juntamente com o estudante em formação, entendemos que a utilização do conceito de radical acaba gerando uma confusão de saberes, de concepções epistemológicas, como já vimos através das palavras de Santos Filho (2018). De acordo com a perspectiva sistêmica, diríamos que a palavra “passatempo” é formada por dois morfemas lexicais, “passa” + “tempo”.

Uma observação importante trazida no estudo de Souza (2020) e que entendemos como relevante de se dizer aqui, em relação à utilização de termos como “radical”, é que o problema não está, necessariamente, nas filiações destes termos em si, mas na confusão que se gera quando não há uma distinção de paradigmas e de seus respectivos conceitos e concepções epistemológicas, fazendo com que estas concepções sejam misturadas na abordagem didático-pedagógica.

Voltando ao exemplo da palavra “passatempo”, podemos recorrer ao estudo de Avelar (2017) quando ele diz que muitos livros didáticos utilizam palavras que não são transparentes quanto ao seu processo de formação, como “vinagre” (vinho + acre) e “fidalgo” (filho + de + algo) que se originaram a partir do processo de composição, mas que não são percebidas como palavras compostas e, portanto, não são bons exemplos para discutir sobre formação de

palavras. A palavra “passatempo” segue essa mesma linha, como destaca Souza (2020) em sua análise. Um exemplo de palavra que poderia ser utilizada para o estudo, segundo o pesquisador, seria “aguardente”, união dos morfemas lexicais “água” e “ardente”. Após a atividade envolvendo a palavra “passatempo”, o livro conceitua o processo de composição, dizendo que ocorre quando uma palavra é formada pela combinação de dois vocábulos já existentes, e distingue dois tipos: justaposição, quando não há alteração da pronúncia, tal como em “lobo-marinho”; e aglutinação, quando há alteração de pronúncia, tal como em “planalto” (plano + alto). Após o estudo do processo de composição, é apresentado outro processo importante: *derivação*. Para esse estudo, o livro utiliza o seguinte exemplo:

Figura 12: Recorte da aula sobre derivação.
Fonte: Moderna, (2016).

Apoiados no estudo de Souza (2020), podemos perceber que o autor e a autora do livro demonstram que a palavra “esmalteria” é formada pelo substantivo “esmalte” com o sufixo “-eria” que traz a ideia de “atividade” ou “ramo de negócio”, o mesmo pedaço linguístico presente em formações como “sorveteria” e “pastelaria”. O livro ensina também que há a *derivação prefixal* e a *derivação sufixal*; a primeira diz respeito ao acréscimo de um prefixo a um radical e a segunda diz respeito ao acréscimo de um sufixo a um radical.

Outros processos de formação de palavras são apresentados no livro, de acordo com Souza (2020), quais sejam: “abreviação ou redução”, “siglonimização”, “onomatopeia” e “empréstimo lexical”. Um exemplo de palavra abreviada que o livro cita é “visu”, de visual, dizendo que pertence à língua informal. Porém, o estudante ressalta que esse processo também é percebido na linguagem formal, como em “pneu”, de “pneumático” e em “foto” de “fotografia”. Como exemplos de s*iglonimização* (redução de um conjunto de palavras às suas letras ou sílabas), o livro cita os casos de IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e ONU (Organização das Nações Unidas). Souza (2020) diz que o livro didático aponta que as siglas não somente se comportam como palavras como também podem passar pelo processo de flexões e derivações, uma vez que incorporadas à língua. Podemos entender, portanto, que as siglas representam a construção de uma nova palavra.

Após a discussão sobre as siglas, é abordado o processo de *onomatopeia* (vista no livro como a imitação de um som), como o caso de "tique-taque", referência ao barulho feito por um relógio. Concordamos com a análise do pesquisador de que esse assunto é importante para compreender que a morfologia deve ser estudada em consonância com outras dimensões de análise linguística. Por fim, o livro discute sobre o processo de *empréstimo lexical*, quando palavras de outras línguas passam a fazer parte do nosso português, passando por algumas adaptações ortográficas e fonológicas, por exemplo. Neste caso, podemos citar a palavra "blecaute" que vêm de *blackout* (inglês). O livro diz ainda que quando as palavras são incorporadas sem nenhuma mudança, chamamos de *estrangeirismos*, como em "delivery" e "shopping", por exemplo.

Consideramos muito importante o fato de que o livro analisado por Souza (2020) apresenta uma discussão sobre estes processos de formação de palavras, ainda que de forma concisa (principalmente em relação aos que não são considerados como principais), no sentido de possibilitar a ampliação dos conhecimentos sobre a língua. Entendemos que o livro poderia ter citado também um processo que é muito recorrente em nossa língua, o de *gradiênci*a, quando ocorre mudança de categoria de elementos dentro dos usos da língua. Sobre esse processo, Santos e Almeida (2018) e Nascimento (2018) citam como exemplos, "cis-" e "trans-", consideradas previamente como prefixos, mas que podem assumir uma autonomia morfológica e passar a funcionar como morfemas lexicais, assim como podem originar palavras como "cissexual" e "transexual". Além desse processo, o livro poderia ter discutido sobre o hibridismo.

Outro ponto que podemos destacar é que o livro poderia ter usado o termo "morfema lexical" no lugar de "radical" e "morfema gramatical derivacional" no lugar de "sufixo", para indicar o acréscimo do segundo ao primeiro na formação da palavra "esmalteria", no sentido de que contribuiria bem mais para o entendimento dessa e de outras formações com outros morfemas e seus efeitos sentidos.

Para finalizar esta seção, consideramos que os materiais didáticos analisados pelas estudantes e pelo estudante em formação no curso de Letras (UFAL-Campus do Sertão), apresentam algumas iniciativas de trabalho sob a perspectiva da morfologia lexical, sugerida por Basílio (2013) e das dinâmicas morfológicas, discutida por Avelar (2017), na intenção de instigar alunos e alunas a analisar não somente a forma da palavra, mas compreender também os processos de formação e os sentidos produzidos através dos usos nos processos interacionais. Se nos atentarmos aos conteúdos dos livros, vimos que são apresentados diferentes gêneros discursivos que possibilitam discutir sobre os morfemas e os processos de

formação de palavras a partir dos usos reais da língua. No entanto, vimos que há ainda muitas influências da Gramática Clássica (greco-latina), da Linguística Histórica e do Método Comparativo nos livros investigados, fatos que podem tornar o estudo inconsistente e confuso em sala de aula. Muitas vezes há a tentativa seguir uma abordagem estruturalista e enunciativo-discursiva, mas no meio do caminho acaba se voltando para uma perspectiva tradicional/clássica, devido a algumas escolhas de conceitos/abordagens em detrimento de outras.

Percebemos que há muitas lacunas que devem ser preenchidas, sendo necessária a utilização de outros materiais/fontes que possam contribuir no processo de ensino e aprendizagem, promovendo um estudo mais aprofundado de morfologia. Cabe, então, aos/às docentes ter o discernimento de todos esses pontos apresentados e fazer bom uso dos materiais didáticos, o que significa dizer também procurar outros recursos de apoio pedagógico, tendo em vista um trabalho contextualizado, ou seja, situado nas práticas de linguagem atuais. Além do mais, é preciso que os/as docentes e o(a)s estudantes de formação docente adotem uma análise diferenciada sobre o estudo da palavra, no sentido de seguir a linha enunciativo-discursiva de análise. Pensando nessa necessidade, organizamos (o professor Ismar Inácio e eu) um minicurso *on-line* sobre o estudo da palavra, de modo a atuarmos na formação docente em Letras frente às problemáticas encontrada em pesquisas anteriormente realizadas nos estudos morfológicos, e é sobre essa experiência que trata a próxima sessão.

CAPÍTULO 4

MINICURSO DE ESTUDO SOBRE A PALAVRA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Como pudemos observar na seção anterior, os livros didáticos, em grande parte, ainda apresentam uma abordagem tradicional/clássica de estudos sobre a palavra e sobre o ensino de Morfologia, de modo geral (apesar de algumas inciativas interessantes que visam fugir dessa perspectiva). Diante desse cenário, é de suma importância que nós, docentes, sejamos capazes de reconhecer as incongruências dos materiais didáticos e de buscar alternativas para direcionar o estudo por um viés enunciativo-discursivo, problematizando as questões referentes aos usos linguísticos em diversos contextos, seus aspectos, sentidos, implicações, dentre outras possibilidades. Considerando essa necessidade por parte dos/das professores/as, os cursos de ensino superior são essenciais para que seja possível uma mudança de perspectiva no que diz respeito ao ensino de Morfologia nas escolas. Trazendo o contexto para a nossa realidade da UFAL – Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, as aulas de Morfologia ministradas pelo professor doutor Ismar dos Santos Filho (no curso de Letras), sempre visaram seguir por essa perspectiva enunciativo-discursiva.

Além das aulas da disciplina de Morfologia do Português, alguns eventos acadêmicos (seminários, jornadas pedagógicas) sempre possibilitaram a realização e apresentação de estudos voltados para esta área de pesquisa. A partir do ano de 2020, devido à pandemia causada pelo coronavírus, que se instalou pelo mundo, diversos eventos acadêmicos, assim como as aulas das escolas e de instituições de ensino superior, passaram a ocorrer de modo remoto (*on-line*), já que houve a necessidade de isolamento social. Nesse novo cenário, em abril do ano referido, a UFAL divulgou uma chamada pública para ex-monitores/monitoras, no intuito de incentivar o desenvolvimento de atividades de ensino *on-line*, envolvendo o uso de tecnologias digitais, metodologias ativas, entre outros.

Tomando conhecimento da chamada pública divulgada pela UFAL, o professor Ismar me fez o convite (já que fui monitor da disciplina de Morfologia) para a elaboração de uma proposta de atividade, tendo em vista a realização de um minicurso que pudesse discutir a noção de palavra por meio de algumas perspectivas teóricas que foram desenvolvidas ao longo do tempo. Sabia que elaborar e executar a proposta de um minicurso *on-line* para alunos/as da UFAL seria um grande desafio, porém também tinha a certeza de que seria uma experiência muito enriquecedora no que diz respeito a minha trajetória acadêmica, portanto, o convite foi aceito.

Depois de ter aceitado o convite, partimos para a elaboração da proposta do minicurso, tendo como objetivo principal possibilitar a ampliação do olhar nas leituras cotidianas e da competência lexical do público alvo que foram os estudantes do quinto período do curso de Letras, Campus do Sertão, visando incentivar a adesão da perspectiva enunciativo-discursiva em suas práticas envolvendo os usos da língua(gem). Elaborei a proposta com as orientações do professor Ismar e então a enviamos para que pudesse ser feita a avaliação. Depois de alguns dias, o professor me enviou uma mensagem via *whatsapp* dizendo que a nossa proposta havia sido aceita, gerando um sentimento de satisfação entre nós.

Com a proposta aprovada, fizemos os convites aos alunos e às alunas do quinto período da UAL- Campus do Sertão e partimos para a preparação e realização do minicurso que ocorreu entre os meses de junho e julho de 2020, tendo como meio principal de interação a plataforma do *Facebook*. Para tanto, criei um grupo com o título do minicurso, "O que é palavra?", como podemos ver no recorte abaixo.

Figura 13: Página do grupo do minicurso "O que é palavra?".
Fonte: Facebook

Através do grupo criado, pudemos interagir com os/as alunos/as, propondo leituras e atividades relacionadas ao campo da Morfologia, especificamente sobre a noção (ou noções) de palavra e suas implicações teóricas e metodológicas. Neste relato descrevo a minha experiência enquanto ministrante do minicurso, bem como a recepção obtida das atividades por parte dos/das estudantes.

4.1. A condução do minicurso

A ideia de ser ministrante de um minicurso para estudantes do ensino superior, de início, me causou um pouco de tensão, afinal de contas eu também era estudante (com a

diferença de que já tinha passado pela disciplina de Morfologia como aluno e monitor) e de certa forma, passaria a estar do outro lado, o da docência. Embora tivesse preocupado, a disponibilidade para orientação e supervisão do professor Ismar contribuiu de forma significativa para a condução do minicurso. Sabia que seria uma experiência muito importante para a minha formação acadêmica, já vislumbrando o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso. Além do mais, poderia contribuir com a formação para a docência dos/das alunos/as que estavam matriculados/as na disciplina de Morfologia, na UFAL – Campus do Sertão, no sentido de incentivá-los/as a seguir por um caminho diferente do que normalmente acontece em relação à elaboração e execução de uma aula de Morfologia nas escolas, tal como destacamos em capítulos anteriores.

Conforme salienta Basílio (2013), os cursos de Morfologia, e consequentemente as aulas, ainda apresentam influências do modelo Palavra e Paradigma da Gramática Clássica, assim como também já vimos que, em grande parte, os livros didáticos, que são materiais direcionadores das práticas pedagógicas escolares, são insuficientes para proporcionar um estudo diferenciado das questões referentes à Morfologia. Desse modo, podemos entender que uma mudança satisfatória desse cenário perpassa pelos cursos de formação docente, especificamente pelo curso de Letras, quando se trata de nós que almejamos a docência na disciplina de Língua Portuguesa. A ideia de desenvolver um minicurso para estudantes de graduação em formação seria, portanto, uma maneira de fixar as bases de uma visão diferenciada sobre o ensino de Morfologia.

Considerando que o estudo da palavra está no cerne da Morfologia, o professor Ismar e eu decidimos propor atividades e discussões voltadas para as noções clássica, estruturalista e enunciativo-discursiva sobre a palavra, tomando como foco principal esta última concepção. A perspectiva de estudo enunciativo-discursiva sobre a palavra está diretamente relacionada à linguagem em uso, tal como Stella (2005) nos diz, sustentada pelo pensamento de Mikhail Bakhtin. É esse o ponto fundamental para que as aulas de Morfologia se tornem realmente relevantes e satisfatórias e é esse o entendimento que buscamos provocar no minicurso: a necessidade de analisar a língua(gem) em uso a partir de diversos textos e práticas de interlocução, compreendendo os aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos, dentre outros, que subjazem e que implicam os diferentes usos. Com essa visão, entendemos que seria possível contribuir para que os/as estudantes pudessem seguir por um caminho oposto ao de um estudo abstrato e desvinculado da realidade, que é o que acontece, muitas vezes, nas escolas de educação básica.

Entendemos, portanto, que há uma urgência de que a aula de Morfologia contemple análises linguístico-discursivas a partir de diversos gêneros e materialidades, considerando o contexto histórico e social. De acordo com Santos Filho (2017), a palavra se configura como discurso, logo, é construtora de ações e práticas sociais, de modo que o discurso gera efeitos de sentidos e é histórica e socialmente situado. Ou seja, todos esses aspectos são importantes para analisarmos e entendermos determinadas construções e arranjos linguísticos. Partindo dessa concepção, a nossa proposta de estudo sobre a palavra, especialmente a partir da concepção enunciativo-discursiva, surgiu com a perspectiva de que os/as alunos/as pudessem refletir e repensar seus conceitos e suas concepções sobre a Morfologia e sobre a palavra, proporcionando meios de ampliar ou aprimorar os seus conhecimentos prévios.

Foi justamente sobre os conhecimentos prévios dos/as alunos/as a respeito de palavra uma das primeiras atividades solicitadas no minicurso *online*. Na página do Grupo, no *Facebook*, os/as estudantes expressaram suas ideias, opiniões e aprendizagens a partir de determinadas leituras ou videoaulas, por exemplo.

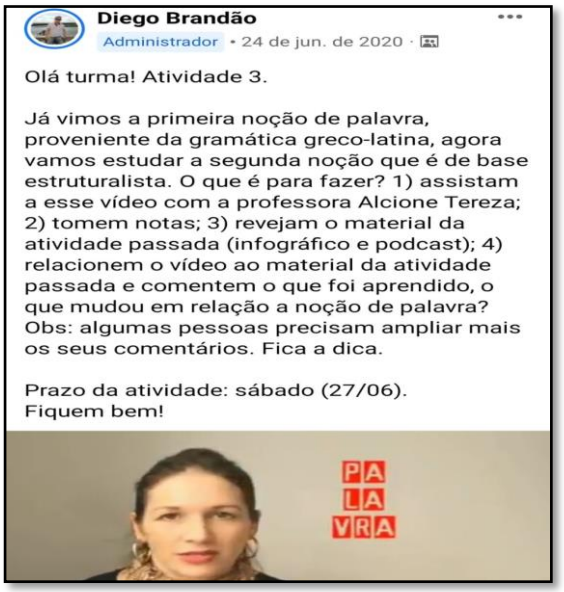


Figura 14: Solicitação de atividade sobre o estudo da palavra
Fonte: Facebook

A figura acima é referente a uma atividade solicitada aos alunos e às alunas do minicurso a partir do recorte de uma videoaula sobre a noção estruturalista de palavra, com a professora Alcione Tereza. Toda a preparação e seleção do material utilizado para a realização das atividades foram feitas juntamente com o professor Ismar. Além da seleção de vídeos pesquisados na internet, sobre a temática discutida no minicurso, também fui responsável pela gravação e apresentação de uma pequena videoaula, abordando as ideias a

partir de textos já estudados. Nessa videoaula, procurei explanar o conteúdo da melhor maneira possível, no sentido de poder auxiliar em relação à compreensão dos/as estudantes. Gravar um vídeo para um minicurso foi uma experiência muito satisfatória pelo fato de poder estar contribuindo para que os/as alunos/as pudessem refletir sobre determinados aspectos referente ao estudo da palavra, através da mediação dos meios digitais.

O contexto da pandemia provocada pelo coronavírus acabou nos levando a recorrer ainda mais a importância dos dispositivos digitais e do uso de metodologias ativas para a produção do conhecimento, impulsionando a necessidade de nos adequarmos a essa nova realidade em que as interações ocorriam quase que exclusivamente via *web*. Gravar uma videoaula, portanto, permitiu-me imergir nessa nova realidade.

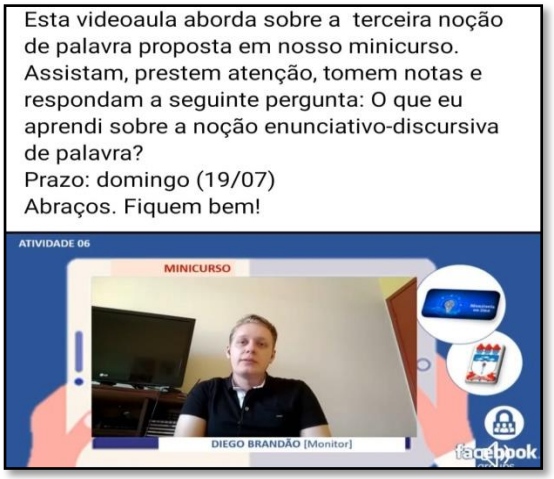


Figura 15: Atividade a partir de uma vídeoaula
Fonte: Facebook

Além da utilização de videoaulas para a realização das atividades do minicurso online, como mostra a imagem acima, também elaborei infográficos a partir dos textos que nortearam as discussões. O infográfico é um recurso visual/textual onde constam dados ou informações que proporcionam uma visão geral ou o entendimento das ideias principais de determinado assunto, na intenção de tornar a compreensão mais fácil e rápida. É uma espécie de *banner* ou panfleto digital, onde podemos utilizar diversos recursos multimodais para chamar a atenção dos/as leitores/as.

Figura 16: Recorte de infográfico elaborado para o minicurso
Fonte: Facebook

A utilização de infográficos foi, portanto, uma iniciativa minha e do professor Ismar em proporcionar mais praticidade na realização das atividades, direcionando a aprendizagem para as ideias principais dos textos selecionados como aporte teórico. Além do mais, a partir do trabalho com infográficos, pudemos apresentar aos alunos e às alunas do minicurso um recurso metodológico digital muito interessante que se configura como uma alternativa e possibilidade de utilização no processo de ensino e aprendizagem.

Outro recurso metodológico que utilizamos no minicurso foi o *podcast*, ferramenta digital muito explorada nos dias de hoje, em diversos seguimentos sociais, para gravação e transmissão de conteúdos em áudio: informações, notícias, opiniões, dentre outras possibilidades. Uma das vantagens do *podcast* é a possibilidade de as pessoas poderem ouvir o conteúdo em qualquer hora e lugar, tendo acesso à internet. Além do mais, por meio do *podcast* é possível explanar o conteúdo de forma mais direta e com uma linguagem menos formal. Foi exatamente o que eu procurei fazer através das minhas palavras.

Gravar *podcast* para os/as estudantes foi mais uma experiência bastante significativa na iniciativa de poder contribuir para a construção de aprendizagens sobre o estudo da palavra. Ao longo do minicurso gravei três *podcasts,* todos sob a supervisão do professor Ismar. Sempre solicitei que os/as estudantes ouvissem atentamente ao *podcast* e que fizessem anotações (assim como nas atividades envolvendo a leitura dos infográficos e acompanhamento das videoaulas) para auxiliar no entendimento e na exposição das aprendizagens.

Figura 17: Podcast para o minicurso "O que é palavra?"
Fonte: www.spreaker.com

Através de *podcasts*, videoaulas e infográficos, procuramos diversificar as metodologias de desenvolvimento das atividades, buscando atribuir dinamicidade ao minicurso. Dentro da nossa proposta, realizamos dois encontros *on-line*, via *skype*, onde os/as estudantes puderam expressar suas opiniões, ideias e aprendizagens a partir das atividades e conteúdos estudados. Mediar um debate envolvendo colegas de curso da UFAL foi algo inédito pra mim, um grande desafio, afinal de contas estive num papel similar ao de um docente. Mas que bom que este desafio, ao longo do seu desenvolvimento, tornou-se muito agradável e importante no que diz respeito ao fortalecimento de nossa parceria, além de permitir o acréscimo de vários pontos positivos para a nossa formação acadêmica, em específico sobre estudos de morfologia.

Durante as nossas reuniões online, procurei dar espaço para que cada estudante pudesse se expressar, tendo o cuidado de dar *feedbacks* construtivos na intenção de contribuir com as reflexões/discussões sobre a palavra e sua perspectiva enunciativa. Também realizei *feedbacks* na medida em que os/as estudantes explanavam suas ideias e seu entendimento em relação aos conteúdos no grupo do *Facebook*, durante as atividades.

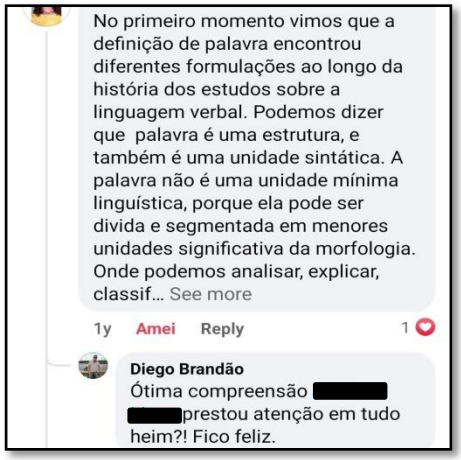


Figura 18: *Feedback* sobre o comentário de uma aluna.
Fonte: Facebook

Apreciar os comentários dos/as estudantes, nas atividades solicitadas, foi muito satisfatório por poder observar o avanço da turma. Cada comentário, cada resposta publicada foi recebida com carinho e com alegria, afinal de contas era a demonstração de que os/as alunos/as estavam se esforçando e se dedicando ao minicurso, aos estudos da palavra. Na medida em que fomos avançando em relação à realização das atividades, fui ficando mais à vontade para conduzir o minicurso até o final. Como última atividade, elaboramos um formulário para que os/as estudantes se manifestassem em relação à percepção sobre o estudo da palavra em suas diferentes perspectivas. Falarei sobre essa parte mais adiante.

4.2. Percepção dos/das estudantes

Antes do início do minicurso, houve, naturalmente, uma expectativa de nossa parte em relação a como os/as estudantes iriam receber a proposta. Ao todo, vinte e duas pessoas participaram do minicurso e quinze realizaram todas as atividades que solicitamos. Foram oito atividades, no total. Ficamos muito felizes (o professor Ismar e eu) pela quantidade de estudantes que abraçaram a nossa proposta e se dedicaram ao estudo da palavra, principalmente levando em consideração o momento em que estávamos vivendo, já que a pandemia afetou o psicológico de muitas pessoas, causando uma série de sentimentos como medo, angústia, ansiedade, insegurança, desânimo, estresse. Era um momento ainda de adaptação à nova realidade de estudos *on-line*. Creio que as atividades propostas neste minicurso contribuíram também para essa adaptação, uma vez que as aulas na UFAL seguiriam acontecendo de maneira remota. A primeira atividade solicitada me gerou muita curiosidade: pedi para que, usando os conhecimentos prévios, cada aluno/a me respondesse qual era a noção que tinha sobre a palavra.

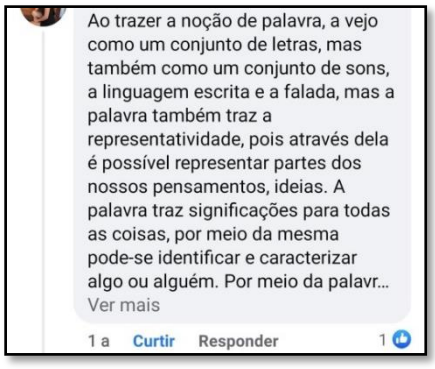


Figura 19: Comentário sobre a noção de palavra
Fonte: Facebook

Em relação à noção sobre palavra, pudemos observar que os/as estudantes, apesar de manifestarem pontos muito interessantes em suas opiniões, apresentaram ainda marcas de um modelo de ensino tradicional em suas ideias. Em algumas falas, como a da aluna citadas anteriormente, a palavra foi concebida, num primeiro momento, como um "conjunto de letras". Essa questão nos remete ao modelo tradicional de alfabetização, onde primeiro se conhece as letras e as sílabas e em seguida são formadas as palavras e estudadas as classes as quais pertencem, normalmente de uma maneira bem aleatória e descontextualizada. Não houve menção de morfema nas respostas dos/as alunos/as, aproximando-as, desse modo, da visão de palavra indivisível, unidade mínima com significado, do modelo "palavra-e-paradigma".

Nesta primeira atividade sobre a noção de palavra, percebi que os/as alunos/as ainda estavam um pouco travados/as, apresentando respostas curtas, sem muita profundidade, o que é natural por se tratar do início do minicurso. Outro ponto que observei nas respostas apresentadas de vários/as estudantes é que a palavra esteve atrelada à representação (representação do pensamento humano), às ideias. Além do mais, houve também associações aos atos de identificar (podemos entender como nomear), caracterizar algo ou alguém. Nesse sentido, podemos perceber, portanto, marcas de um estudo abstrato, genérico, desvinculado da realidade, das atividades e usos linguísticos reais. Não estou querendo dizer que essas ideias estão equivocadas, mas que são simplistas e superficiais. Como diz Antunes (2012), o léxico de uma língua não deve ser visto como um mero conjunto de etiquetas com as quais se marcam algo ou alguém; a palavra (e a linguagem) é muito mais do que uma simples atividade de nomear, caracterizar ou rotular coisas ou pessoas.

Antunes (2012) nos faz pensar que é preciso investigar os usos reais da língua(gem), considerando todos os elementos e aspectos contextuais/situacionais para que não fiquemos presos/as à velhos conceitos e definições tradicionalmente propagadas. Segundo ela, as coisas do mundo estão em constante processo de mudança, de redefinição, portanto "a língua também é instável e variável, ajustando-se a cada contorno sociocognitivo dos contextos em que têm lugar as ações de linguagem que empreendemos" (ANTUNES, 2012, p. 28).

Pensando na investigação das práticas linguísticas, depois de passarmos pela noção clássica a respeito de palavra (nas primeiras atividades do minicurso) chegamos ao estudo sobre a noção estruturalista para que pudéssemos dar início ao entendimento por um outro viés, por uma outra perspectiva. A partir daí, os/as estudantes compreenderam que a palavra não é a unidade mínima de análise linguística, tal como podemos ler no comentário a seguir:

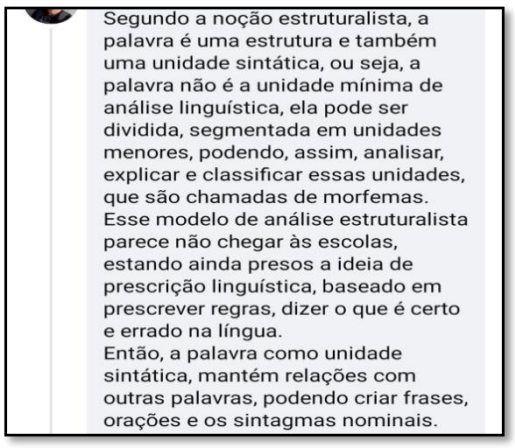


Figura 20: Comentário sobre a noção estruturalista de palavra
Fonte: Facebook

Através dos estudos estruturalistas, tendo como base principal as ideias de Batista (2011), os/as alunos/as puderam enxergar a palavra (como vimos no recorte acima) como uma estrutura, constituída por morfemas que são pedaços significativos. Essa etapa do minicurso foi importante, pois os/as estudantes entenderam a necessidade de olhar para a língua enquanto um sistema, considerando que a palavra, além de ser analisada internamente por suas partículas, deve também ser estudada dentro do contexto da frase, oração ou sintagma na qual mantém relações e pode exercer diferentes funções.

Os/as estudantes puderam aprender também sobre os morfemas lexicais e gramaticais, entendendo como esses recursos morfológicos se combinam na formação das palavras, partindo da concepção de Batista (2011) de que o léxico de uma língua representa um conjunto de unidades linguísticas que podem se combinar de inúmeras maneiras possíveis. Além do mais, foi possível ressaltar a importância de se analisar a formação das palavras, de maneira a perceber que os modos (processos) pelos quais as palavras são constituídas ajudam na compreensão dos sentidos. Houve ainda o entendimento de que é preciso que as escolas, por meio das práticas pedagógicas docentes, incentivem atividades de análise sistêmicas da língua, em detrimento de aulas puramente prescritivas e que não possibilitam problematizar e discutir diversos aspectos que envolvem os arranjos linguísticos.

Na medida em que fomos avançando nos estudos, os/as estudantes se sentiram mais à vontade para expressarem o seu entendimento em relação aos conteúdos e, dessa forma, foram apresentando comentários mais aprofundados e embasados. Após a noção estruturalista, os/as discentes puderam conhecer a perspectiva de estudo enunciativo-discursiva sobre a palavra e sua importância para os estudos contemporâneos sobre a língua(gem), nosso principal foco e interesse.

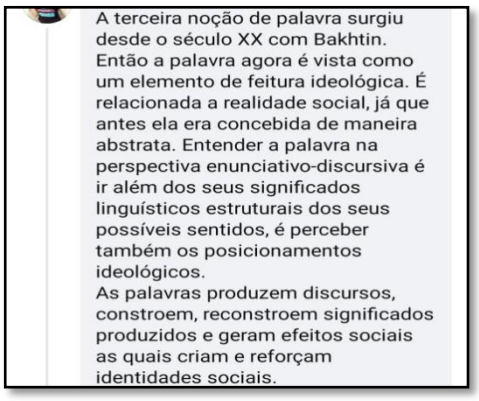


Figura 21: Comentário sobre a concepção enunciativo-discursiva de palavra
Fonte: Facebook

O estudo da concepção enunciativo-discursiva foi o ponto principal do minicurso. Os comentários realizados pelos/as estudantes, como o do recorte anterior, foram bem satisfatórios quanto ao entendimento da palavra como um elemento propulsor das práticas sociais, como produtora de discursos e de sentidos que revelam posicionamentos políticos, ideológicos e culturais. Desse modo, os/as discentes puderam ter a compreensão de que a palavra deve ser analisada a partir das práticas sociais em que está situada, do gênero na qual se encontra, para que seja possível interpretar os sentidos, as funções e sua organização interna.

Os comentários expostos pelos/as estudantes, diante das atividades solicitadas, demonstraram que, de fato, eles/as se comprometeram em ler, assistir e ouvir os conteúdos que foram disponibilizados por meio do *Facebook*. Dentre as atividades realizadas estiveram as reuniões virtuais que foram momentos muito agradáveis em que os/as discentes puderam manifestar suas opiniões e aprendizagens de uma forma mais espontânea e interativa sobre a temática proposta e sobre a realização e organização do minicurso. Alguns alunos/as que não puderam participar das reuniões tiveram a oportunidade de assistir à gravação pelo *Skype* e de poder comentar sobre ela, no grupo do *Facebook*. Os comentários publicados foram muito positivos, deixando transparecer a ideia de que a proposta foi bem recebida.

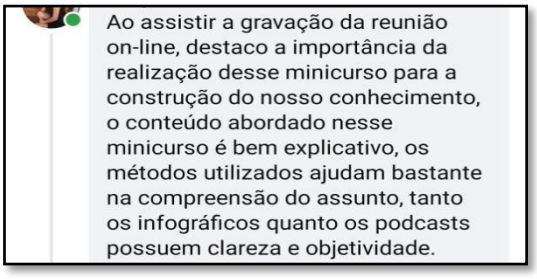


Figura 22: Comentário sobre a reunião online
Fonte: Facebook

Comentários como este apresentado no recorte nos deixam contente, pois são indícios de que o minicurso online proporcionou a construção de aprendizagens sobre a palavra e sobre diversos aspectos da língua(gem), preparando os/as estudantes para os estudos posteriores na disciplina de Morfologia. Ou seja, os/as participantes do minicurso *on-line* iniciariam o estudo na disciplina de Morfologia já com uma base significativa de conhecimentos sobre alguns conteúdos importantes referentes à disciplina. Foi gratificante saber, através das palavras dos/das estudantes, que o minicurso possibilitou o trabalho com metodologias agradáveis e esclarecedoras, o que é muito importante principalmente levando em conta a realidade pandêmica que estávamos vivendo (ainda estamos), onde havia uma dificuldade maior em focar nos estudos, o que pode apontar para outras possibilidades de trabalho com a palavra na educação básica. Vejamos mais esse comentário:

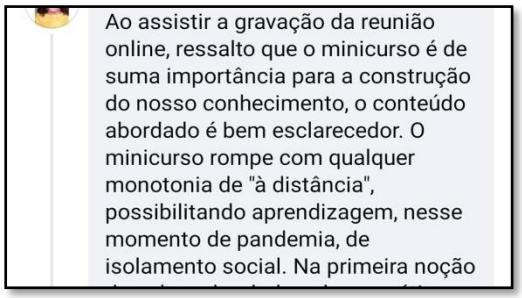


Figura 23: Comentário sobre a reunião online
Fonte: Facebook

A realidade em que vivemos, marcada pela pandemia do coronavírus, que tirou a vida de milhares de pessoas, trouxe muitas dificuldades, desafios e angústias. Ter contribuído para a construção de conhecimentos neste momento foi realmente uma grande satisfação. Essa contribuição foi possível de se perceber também por meio de um formulário que fizemos ao final do minicurso com o intuito de saber como os/as participantes receberam a proposta, as atividades solicitadas, bem como relevância acadêmica e social do estudo morfológico. Vejamos um comentário:

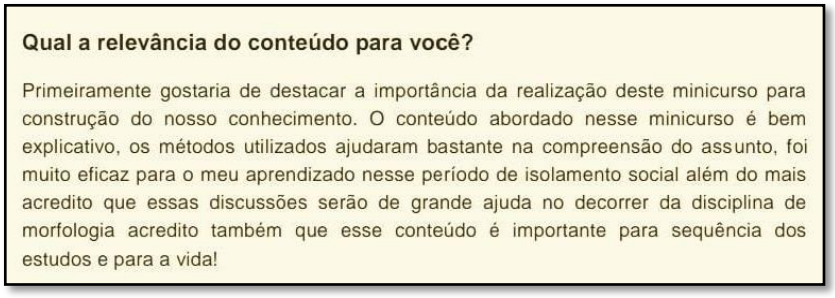
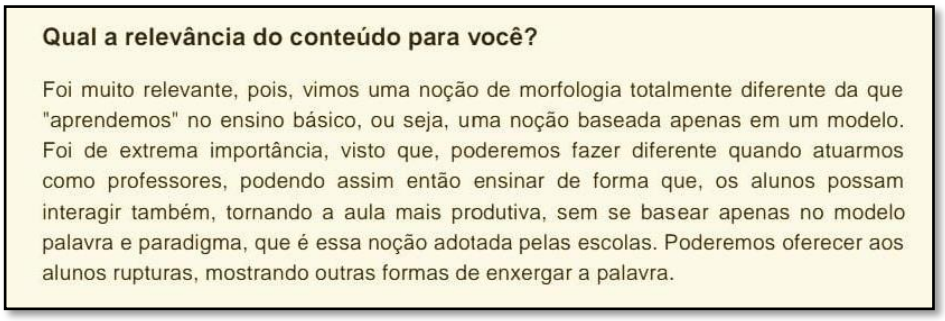


Figura 24: comentário sobre a relevância do minicurso
Fonte: Google documentos

Além de ter constatado que os/as alunos receberam bem a proposta do minicurso, a metodologia que adotamos para a sua realização, também foi muito satisfatório saber que pudemos proporcionar uma visão diferenciada do estudo de Morfologia, vislumbrando, portanto, que os/as docentes em formação possam seguir por um caminho em que as práticas pedagógicas sejam produtoras de aprendizagens significativas, explorando diversos gêneros textuais e considerando diversos elementos que atuam na organização e finalidade e das palavras, e em consequência dos textos.



Qual a relevância do conteúdo para você?

Foi muito relevante, pois, vimos uma noção de morfologia totalmente diferente da que "aprendemos" no ensino básico, ou seja, uma noção baseada apenas em um modelo. Foi de extrema importância, visto que, poderemos fazer diferente quando atuarmos como professores, podendo assim então ensinar de forma que, os alunos possam interagir também, tornando a aula mais produtiva, sem se basear apenas no modelo palavra e paradigma, que é essa noção adotada pelas escolas. Poderemos oferecer aos alunos rupturas, mostrando outras formas de enxergar a palavra.

Figura 25: Comentário sobre a relevância do minicurso
Fonte: Google documentos

Através destes e dos demais comentários sobre o minicurso, ficamos com a certeza de que fizemos um bom trabalho no que diz respeito ao objetivo de aprimorar o olhar dos/das estudantes para as materialidades textuais nas quais temos contato no dia a dia, adotando a perspectiva enunciativo-discursiva de estudos sobre a palavra. A experiência proporcionada pela realização do minicurso foi, sem dúvida, um marco na minha formação acadêmica e, certamente, irei levar todas as aprendizagens adquiridas para a minha vida, seja na condição de um cidadão comum, seja na condição de professor em sala de aula, afinal de contas a importância de todas essas aprendizagens extrapolam os muros do(s) espaço(s) acadêmico(s).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os direcionamentos que envolveram a construção deste trabalho de pesquisa tiveram como norte a ideia de que era necessário modificar, ou aprimorar, as metodologias e recursos didáticos utilizados, tradicionalmente, nos estudos de morfologia. Com base nas experiências/vivências em sala de aula, tanto minhas quanto as do meu orientador, professor Ismar Inácio dos Santos Filho, entendíamos que as práticas pedagógicas escolares referentes ao ensino de linguagem carregam uma forte influência da gramática clássica, implicando em estudos pouco reflexivos sobre os usos reais linguísticos. Esse entendimento foi se fortalecendo durante os estágios supervisionados que realizei, onde pude constatar práticas pedagógicas que priorizavam o ensino da norma culta gramatical, ou padrão, cheio de regras e prescrições. Dentro desse contexto de estudos, pude perceber a carência de estudos morfológicos (e) de caráter enunciativo-discursivo.

Tendo ciência, portanto, desta carência de estudos morfológicos de caráter enunciativo-discursivo, tivemos como objetivo principal apontar estratégias e possíveis caminhos para o desenvolvimento de aulas problematizadoras e reflexivas quanto ao estudo da palavra. Sendo assim, consideramos que cumprimos o objetivo ao desenvolver um minicurso de estudos sobre a palavra, destacando e direcionando práticas pedagógicas necessárias que os alunos (futuros docentes) possam aderir no intuito de modificar o cenário, que muitas vezes encontramos, de aulas tradicionais pautadas por abordagens consideradas ultrapassadas. Além do mais, trouxemos nos capítulos dois e três alguns exemplos e proposições de como situar o estudo da palavra pelo viés enunciativo-discursivo, considerando diferentes aspectos que subjazem os usos e arranjos linguísticos, além do que apontamos alguns equívocos de abordagem didática impulsionados por concepções teóricas do passado.

Considerando a importância de saber a respeito de teorias e estudos passados relacionados às questões morfológicas, concretizamos o objetivo específico de discutir sobre as principais concepções teórico-metodológicas que embasaram o estudo da palavra ao longo do tempo, ao trazermos, no capítulo dois, informações/características sobre a concepção filosófica e estruturalista, até chegar ao viés enunciativo-discursivo. Outro objetivo específico foi o de discutir sobre a abordagem e conteúdo dos livros didáticos no que diz respeito aos estudos morfológicos, de modo que cumprimos este objetivo ao trazer análises importantes de alguns livros didáticos realizadas por estudantes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A partir dos estudos de estudantes em formação, pudemos observar que a Gramática Clássica

(greco-latina) está muito presente nestes materiais, mesmo com algumas atividades que tentam escapar e seguir por um caminho problematizador e reflexivo.

Considerando a problemática de como desenvolver aulas diferenciadas, contextualizadas e reflexivas no que diz respeito aos estudos linguísticos, especialmente na área de morfologia, entendemos tê-la respondido, pelo menos em parte, durante a realização do minicurso sobre o estudo da palavra. Nas atividades desenvolvidas, proporcionamos a oportunidade de conhecimento de diferentes abordagens de estudos, incentivando e demonstrando como a perspectiva enunciativo-discursiva possibilita discussões abrangentes e necessárias em relação ao entendimento da formação, estrutura e efeitos de sentidos de diferentes arranjos linguísticos.

Trouxemos exemplos de análises discursivas como as das palavras “heteroafinidade”, “biscoitinho” e “gripezinha”, onde vários aspectos referentes ao contexto social, histórico e ideológico contribuíram para os efeitos de sentidos produzidos. Entendemos que os exemplos de estudos morfológicos que utilizamos demonstraram que é plenamente possível realizar análises/estudos linguísticos de uma forma mais atrativa e dinâmica, trazendo diversas materialidades discursivas e gêneros textuais como letras de músicas, entrevistas, manchetes de jornais, dentre outros. A partir das discussões e proposições realizadas, dialogamos sobre a importância de adotar uma postura investigativa e interpretativista, pautada na realidade social e nos sujeitos que a constituem e que estão em constantes processos de re(significações)

Sobre a adesão de uma postura diferenciada de estudos sobre a palavra, por meio dos *feedbacks* positivos que recebemos na parte final do minicurso, entendemos ter contribuído para que ela seja adotada na trajetória acadêmica e profissional dos(as) alunos(as). Tendo ciência de que os livros didáticos ainda apresentam, em parte, influências de uma abordagem ultrapassada de estudos e desconectada da realidade social, dos usos linguísticos atuais, é de fundamental importância formar professores e professoras que tenham um olhar atento em relação aos conteúdos apresentados nestes livros para que, se necessário, sejam realizadas algumas adaptações didático-metodológicas em função da construção de aprendizagens realmente significativas. O sentimento de ter contribuído, minimamente que seja, para a formação acadêmica e profissional dos/das alunos/das participantes do minicurso foi muito gratificante.

Falando ainda sobre a realização do minicurso, a realidade de pandemia que estávamos vivendo na época, acarretando no isolamento social, limitou a nossa interação com os(as) alunos(as) que ocorreu exclusivamente de forma remota. Se o contexto fosse outro, poderíamos ter realizados encontros presenciais, o que certamente enriqueceria os estudos

realizados, mas infelizmente não foi possível. Creio que a maior limitação na qual nos deparamos tenha sido exatamente a pandemia causada pelo coronavírus. Os abalos físicos e emocionais dificultaram e postergaram diversas atividades sociais, como as de cunho acadêmico. Como já foi dito na parte introdutória desta pesquisa, tivemos a ideia de realizar uma unidade didática de estudos que traria mais sugestões, proposições e alternativas de abordagem contextualizada, seguindo a perspectiva enunciativo-discursiva, mas diante de todas as dificuldades e acúmulo de atividades não foi possível realizar esta ideia. Contudo, deixamos como recomendação, para quem estiver lendo nosso trabalho, a proposta de realização de uma unidade didática sobre os estudos morfológicos, haja vista a necessidade de novos materiais de suporte pedagógico nesta área. A concretização desta ideia certamente iria contribuir bastante para quem busca desenvolver um trabalho diferenciado com a palavra.

Almejamos ainda contribuir, por intermédio deste trabalho, com novas discussões e pesquisas no campo da Morfologia e, mais especificamente, no estudo sobre a palavra. A realização do minicurso online acarretou em diversas reflexões pertinentes em relação a tudo o que envolve a formação, organização interna, implicações e efeitos de sentidos das palavras. Desejamos que estas discussões sejam ampliadas e disseminadas em outros trabalhos, pensando principalmente no processo de formação de docentes e nas práticas pedagógicas nas escolas da educação básica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Petrânia Alves de. **Educação linguístico-morfológica em livros didáticos de língua portuguesa em 3°, 4° e 5° ano do ensino fundamental**. Monografia (licenciatura em letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020.

ANTUNES, Irandé. O vocabulário de um texto. In. Irandé Antunes. **Território das palavras – estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 51-59.

AVELAR, Juanito Ornelas de. **Saberes Gramaticais:** formas, normas e sentidos no espaço escolar. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2017.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **O ensino da morfologia nos cursos de letras:** a relevância da formação de palavras. In.: MARTINS, Marco Antonio (org.). *Gramática e ensino*. Natal, RN: EDUFRN, 2013 (p. 66-95).

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BITTENCOURT, Circe. **"O bom livro didático é aquele usado por um bom professor"** [entrevista]. Nova Escola, ano 29, no 269, p. 26-27, fevereiro de 2014.

BORGES NETO, José. **Sobre a flexão dos verbos**. 2008. Disponível em < www.passeidireto.com/arquivo/89346943/sobre-a-flexao-dos-verbos-jose-borges-neto> Acesso em maio de 2021.

BOTELHO, Laura Silveira. **Breve apresentação histórica dos estudos Morfológicos e suas correntes linguísticas.** revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery. N. 3, jul/dez 2007.

MACENA, Elizabeth da Silva. **Estudo do diminutivo em –inho/-zinho no livro didádico do projeto teláris de língua portuguesa do ensino fundamental II**. Dissertação (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARÇALO, Maria João. **O que é palavra?** Reflexões sobre a herança gramatical greco-latina. Filologia e linguística portuguesa, n. 10-11, p. 53-68, 2008/2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org). **O português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editoria, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NUNES, Carla Eduarda Freire. **Morfologia:** perspectivas teóricas e abordagens em livros didáticos – reflexão conceitual. Monografia (Licenciatura em Letras) -Universidade Federal

de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018.

SANTOS, A. S.; ALMEIDA, A. B. F.; NASCIMENTO, G. R. P. **A gradiência dos prefixos cis- e trans-: uma análise em cadernos comerciais e culturais de jornais brasileiros no ano de 2016.** Recife: Pipa Comunicação, 2018 (p. 13-23).

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Processos de pesquisa em linguagem, gênero, sexualidade e (questões de) masculinidade**. Pipa comunicação: Recife, 2017.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. ***Morphologia* em livro didático:** filiações epistemológicas. revista Linguasagem, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 292- 321.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **A relevância do "-inh-(o/a)" na guerra político-discursiva na pandemia do coronavírus**. Delmiro Gouveia: Universidade Federal de Alagoas, 2020.

SOARES, Wellington. **Em busca de equilíbrio** – conhecer vantagens e limites do livro didático é o melhor caminho para saber usá-lo bem [entrevista]. Nova Escola, ano 30, no 282, p. 16-23, maio de 2015.

SOUZA, Geovâneo dos Santos. **Estudos morfológicos:** teoria, ensino e abordagem de morfologia em livros didáticos de língua portuguesa. Monografia (licenciatura em letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In. Beth Brait. **Bakhtin:** conceitos chaves. Contexto: São Paulo, 2005.